



ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE SANTA CATARINA

BOLETIM INFORMATIVO NÚMERO 80
AGOSTO DE 2023





Associação Filatélica e Numismática de Santa Catarina
AFSC
Rua dos Ilhéus 118 sobreloja 9 – Ed. Jorge Daux
CEP 88010-560 - Florianópolis, SC
Caixa Postal 229 - CEP 88010-970

A AFSC, fundada em 6/8/1938, é uma Entidade sem fins lucrativos, reconhecida de Utilidade Pública pela Lei Estadual 542 de 24/9/1951 e pela Lei Municipal 970 de 20/8/1970.

DIRETORIA eleita em julho de 2023 para o período de agosto/2023 a agosto/2024:

Presidente:.....Luis Claudio Fritzen
Vice-presidente:.....Demétrio Delizoicov Neto
Secretário:.....Romeu Odilo Trauer
Tesoureiro:.....Bernardo Bihr Lopes
Diretor de Sede:.....Cezar Augusto de Moraes Bolzan

Conselho Fiscal:

Lucia de Oliveira MilazzoHugo Nestor Ciavattini (suplente)
Paulo Cezar da Silva.....Juliano Natal (suplente)
Rubens Moser.....Maurício Silva Soares (suplente)

A AFSC desenvolve um importante trabalho de divulgação do colecionismo em geral, além da edição deste Boletim – Santa Catarina Filatélica.

Para suporte aos dispêndios decorrentes de suas atividades, a AFSC depende principalmente da arrecadação de anuidades pagas por seus associados, que podem ser das seguintes categorias e valores, válidos a partir de 2021:

Efetivos – residentes na Grande Florianópolis, com idade a partir de 18 anos R\$150,00
Juvenis – com idade inferior a 18 anos R\$20,00
Correspondentes no Brasil – residentes fora da Grande Florianópolis R\$50,00
Correspondentes no Exterior – residentes fora do Brasil US\$35,00

ASSOCIE-SE!

www.afsc.org.br afsc@afsc.org.br

Reuniões regulares:

Quintas-feiras a partir das 18:30 horas e Sábados a partir das 14:30 horas

SCF – Santa Catarina Filatélica – Boletim semestral da AFSC – desde 1949

Para anunciar neste Boletim:

Página inteira: R\$70,00 / Meia página: R\$40,00 / Terço de página: R\$30,00
Terceira capa: R\$110,00 / Quarta capa: R\$140,00

Florianópolis, agosto de 2023.

Revisão textual: Lucia de Oliveira Milazzo.
Diagramação e Capa: Fagner Maximo da Silveira.

Capa: **Praça Lauro Severiano Müller**

Imagem disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/7e/Pra%C3%A7a_Lauro_M%C3%BCller%2C_Florian%C3%B3polis%2C_Brasil_.JPG



Índice

Palavras do Presidente.....	04
Encontro de Colecionadores de Timbó.....	05
Oswaldo Rodrigues Cabral.....	06
Lauro Severiano Müller - Político e Maçom Vulto Nacional Que Enobrece Santa Catarina.....	08
Originalidade e inovação na coleção temática.....	14
Tijucas - Santa Catarina.....	22
O progresso simbolizado na numismática brasileira.....	26
A Filatelia e Grandes Revelações.....	30
A Vitória de Samotrácia na Numismática.....	34
Redução da tarifa postal por Getúlio Vargas em 1930: populismo ou visão estratégica?.....	44
Judea Capta.....	53
Entrevista - Márcio Rovere Sandoval.....	56

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores, bem como o que se refere ao uso de imagens.

Palavras do Presidente

AAFSC – Associação Filatélica e Numismática de Santa Catarina está completando 85 anos. Estamos encaminhando as necessárias adaptações de nossos estatutos, para os trabalhos da entidade nas próximas décadas. Não é apenas uma adaptação à legislação.

Obviamente a situação ideal – a qual deve ser sempre buscada – é aquela em que as condições frutifiquem novos colecionadores, e ao mesmo tempo solidifiquem os antigos. Nosso ambiente deve desempenhar com equilíbrio aos novatos e aos veteranos.

A intenção, com a modernização estatutária, é de apresentar contribuição à continuidade das tarefas que nos foram legadas. A compreensão dos problemas enfrentados por entidades similares, nos fez estabelecer alguns parâmetros, que são traduzidos na norma que nos regulamenta. Pensamos no futuro.

Não se trata somente de uma campanha ou de uma ideia de transformação, mas sim a reafirmação de uma visão de mundo que cada vez mais orienta nossas ações. Transformamos e consolidamos a filatelia e a numismática, para criar uma proposta que une a eficiência e as novas tecnologias aos nossos associados. Não pensamos somente no 100º aniversário que se aproxima, mas no bicentenário.

Luis Claudio Fritzen
Agosto de 2023



Encontro de Colecionadores de Timbó

Waldemar Gebauer - Timbó, SC

Transcrito do Jornal Misturebas

A edição 2023 do 39º **Encontro de Colecionadores**, promovido pela Associação Filatélica e Numismática Timboense (AFINUTI), movimentou Timbó - SC nos dias 10 e 11 de junho de 2023. O evento aconteceu no Timbó Park Hotel, com entrada gratuita.

Entre os participantes do evento, estavam colecionadores de selos, moedas, cédulas, cartões telefônicos e antiguidades. Além disso, passaram colecionadores de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Durante os dias do evento, mais de 500 pessoas assinaram o livro de presença. No entanto, segundo o organizador Waldemar Gebauer, muitas pessoas deixaram de assinar “pelo grande público presente”. Por isso, estima-se que cerca de 800 pessoas passaram pelo encontro de Colecionadores.



“Um agradecimento especial aos expositores e a todos que tiveram a oportunidade de prestigiar o evento reconhecido nacionalmente como um dos melhores encontros no meio do colecionismo. Timbó está de parabéns por ter realizado o 39 Encontro ao longo dos 52 Anos da AFINUTI,” comentou Gebauer.

Oswaldo Rodrigues Cabral

AFSC

Numa justa homenagem ao historiador catarinense Oswaldo Rodrigues Cabral, a Associação Filatélica de Santa Catarina transcreve o artigo “Carimbo Catarinense, DOMINGOS DE BRITO PEIXOTO”, publicado no Boletim Santa Catarina Filatélica número 6, de julho/agosto de 1976, que marca a incursão do erudito historiador na história filatélica de Santa Catarina.

Carimbo Catarinense DOMINGOS DE BRITO PEIXOTO

Oswaldo Rodrigues Cabral



Tricentenário da Fundação de Santo Antônio dos Anjos da Laguna por Domingos de Brito Peixoto (História; Mapa) 29.7/2.8.1976 – Laguna – SC

DOMINGOS DE BRITO PEIXOTO, filho de pai homônimo, natural do Minho em Portugal e da santíssima Sebastiana da Silva.

Domingos de Brito Peixoto nasceu em Santos no século XVII e ali se casou com Ana Guerra do Prado. Foi Capitão das Ordenanças de São Paulo com patente passada pelo Conde de Barbacena, Governador Geral do Brasil como “recompensa ao seu valor, prática da disciplina militar e experiência na guerra”.

Depois haver participado de incursões lusitanas pelo sul do Brasil, dilatando os confins da pátria, em 1676, acompanhado de seus filhos Francisco de Brito Peixoto e Sebastião de Brito Guerra, comandando uma bandeira de 50 escravos, saiu da Vila de Santos e foi instalar-se na paragem denominada então “dos Patos” - deitando fundamentalmente a uma póvoa que denominaram o “SANTO ANTÔNIO DOS ANJOS DA LAGUNA” do que deu notícia ao El Rei Dom Pedro II, de Portugal.

Abastados em Santos, tudo abandonaram os Brito Peixoto para alcançar o empreendimento, tendo dividido a sua bandeira em duas parcelas, uma que viajou por terra e outra que rumou ao local por mar, encontrando-se exatamente no sítio aprazado. Depois de fundada a póvoa no local que já era conhecido, mas não habitado, incursionaram os Peixotos para o sul, desbastando o território do Rio Grande de São Pedro, sempre reivindicado por Espanha, pois justamente à povoação da Laguna se fazia marco do Meridiano das Tordesilhas, que, cortando o Brasil de norte a sul, ali se jogando no mar.

Travando lutas com os aborígenes da região, Sebastião de Brito Guerra numa das incursões, perdeu a vida, flechado quando andava em busca de minas de prata.

Depois de anos Domingos de Brito Peixoto, possivelmente em 1709, morreu na Vila da Laguna, que ficou entregue aos cuidados e trabalhos de seu filho Francisco, que se constituiu em herdeiro e continuador do pai, tornando-se um dos grandes capitães no seu tempo. Também Francisco de Brito Peixoto morreu na Laguna a 31 de outubro de 1735, depois dever prestado à pátria e ao seu Rei os mais assinalados serviços, que lhe consumiram uma fortuna, expirando na

maior miséria. Foi sepultado na Capela mor da igreja matriz da Laguna, aos pés do padroeiro da Vila que ajudaram a fundar - e até onde até hoje permanece seus restos, embora em lugar não sabido, aos pés de Santo Antônio dos Anjos, orago da sua fundação.

O carimbo reproduz uma estátua de Domingos de Brito Peixoto, existente no “hall” monumental do Museu Paulista, em São Paulo, ao lado de outros bandeirantes ilustres. Foi motivo proposto para o selo comemorativo da passagem do tricentenário da fundação da Laguna e que a Diretoria da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos achou dever substituir, para motivo das lembranças históricas da tricentenária cidade, pelo vulto do Farol de Santa Marta, situada a 30 quilômetros, mais ou menos da fundação, inaugurado em 1891, e que nenhuma relação tem com a passagem dos 300 anos da fundação que se pretendeu assinalar com a emissão de um selo comemorativo, como o fosse de verdade.



Oswaldo Rodrigues Cabral. Médico, professor universitário, historiador, escritor e político. Natural de Laguna, SC (11 de outubro de 1903). Deputado Constituinte de 1947 e Deputado Estadual no Parlamento Catarinense de 1947 a 1955. Presidiu a Assembleia Legislativa de Santa Catarina em 1954 e 1955. Membro da Academia Catarinense de Letras. Um dos mais destacados pesquisadores da história de Santa Catarina. Autor de várias obras entre livros e artigos, sobre medicina, antropologia e especialmente sobre a história catarinense. Integrou o Instituto Histórico e Geográfico do Brasil e diversos Institutos Históricos e Geográficos Estaduais. Faleceu em Florianópolis em 17 de fevereiro de 1978.



POSTMIX
Gráfica Offset & Digital

LAURO SEVERIANO MÜLLER

POLÍTICO E MAÇOM

VULTO NACIONAL QUE ENOBRECE SANTA CATARINA

Renato Mauro Schramm - Florianópolis, SC (*)

LAURO MÜLLER:

Natural de Itajaí. Coursou a Escola Militar no Rio de Janeiro. Engenheiro militar, maçom, relator do projeto da primeira Constituição da República do Brasil, Deputado Constituinte, Governador de Santa Catarina, fundador do Partido Republicano, Senador, Ministro de Viação e Obras Públicas, Ministro de Relações Exteriores. Este ano essa grande personalidade catarinense completa 160 anos. Acima de tudo um brasileiro autêntico.

Como catarinense, não poderia deixar de homenagear uma das mais importantes figuras políticas de nosso Estado. Trata-se de Lauro Severiano Müller, nascido na cidade praiana de Itajaí, tendo residido por algum tempo na minha cidade natal, Blumenau.



Quando se fala sobre uma pessoa, é mister que tenhamos o máximo cuidado para consolidar o que de mais importante ocorreu na vida desse brasileiro que, no cumprimento dos postulantes de vida, esteve sempre com o exercício constante da renúncia. Sofreu, como um idealista, renovadas manifestações da intolerância e da crítica áspera e injusta.

Entre os primeiros habitantes da colônia São Pedro de Alcântara, figuravam John Müller e sua mulher, Ana Maria, com os seus cinco filhos. Um dos filhos desse humilde casal de imigrantes alemães, de nome Peter, mudou-se, mais tarde, para São José, onde veio a conhecer Ana Michels, como ele, de descendência germânica e filha de imigrantes, com quem se casou.

Insatisfeito no meio em que vivia, sonhando um futuro para si e para os seus descendentes, Pedro Müller, com a mulher e os primeiros filhos, transferiu-se para Itajaí, SC, onde se estabeleceu com uma loja de fazendas.

Mais rapidamente que a fortuna com que sonhara, aumentava-lhes a descendência: quatro rapazes e três meninas. **Lauro Severiano, caçula, nasceu em 8 de novembro de 1863.**

Em Itajaí, SC, onde nascera, fez Lauro Müller os seus primeiros estudos, revelando desde muito cedo, dotes de inteligência e sagacidade. Tornou-se logo o menino sabe-tudo, admirado pelos colegas, tal a presteza com que respondia às arguições, tal a curiosidade das perguntas com que deixava em situação embaraçosa o velho mestre Justino, cujo saber, valha a verdade, não era dos mais vastos e profundos.

Além da Escola Nacional, do Mestre Justino, Lauro Müller frequentou uma escola alemã, em Blumenau, SC. Na época, morava na casa de um colono daquela zona, amigo da família.

Chegada a adolescência, Lauro Müller tornou-se impaciente para traçar rumos à sua própria vida. Apresentaram-se num dilema duas perspectivas: tornar-se agrimensor, que seria vontade paterna, ou encaminhar-se no comércio, no Rio de Janeiro, por um dos parentes.



Lauro Müller preferiu seguir para o Rio de Janeiro, embarcando num veleiro antigo e vagaroso, próprio da época de raros vapores com escala em Itajaí, indo abrigar-se na casa do tio Leopoldo, em Niterói, que conseguiu logo uma colocação para o sobrinho como caixeiro de loja de fazendas, de um comerciante português, seu amigo.

A breve experiência como caixeiro de loja não lhe agradou. Decidindo-se pela carreira das armas, faz os preparatórios no Gabinete de Niterói e ingressa na Escola Militar, assentando praça no corpo de Alunos.

Em 1885, era Alferes-Aluno, mas em abril desse ano, sentindo-se doente, obtém trancamento de matrícula e permissão para convalescer na capital da sua providência, antigo Desterro, aqui ficando às ordens do presidente, Coronel Augusto Fausto de Souza. Foi esse, ao que parece, o seu primeiro contato com a política, na qual haveria de revelar-se mais tarde, consumado Mestre.

Restabelecida a saúde, volta Lauro Müller aos estudos interrompidos, concluindo-os brilhantemente.

Agitavam-se naquele tempo dois problemas nacionais que apaixonavam corações e inflamavam espíritos de luta num movimento generoso de civismo – a Abolição e a República.



A abolição foi um movimento iniciado na Loja América, em São Paulo, e que rapidamente se alastrou por toda a Maçonaria, motivando a opinião pública.

A República, cujas ideias foram introduzidas no Brasil já com o surgimento das primeiras Lojas Maçônicas, contou, para a sua efetivação, com o empenho dos mais ilustres Maçons.

Foi no transcurso dessa fase da história pátria que Lauro Müller procurou na Iniciação Maçônica sua identificação com os anseios permanentes da Humanidade e o campo onde pudesse realizar seu sonho de lutador democrático.

Vitorioso o movimento de 15 de novembro de 1889, o Marechal Deodoro da Fonseca, Chefe do Governo Provisório da República, designou o Tenente Lauro Müller para ser o Governador Provisório do Estado de Santa Catarina, que veio assumir o cargo em 02 de dezembro, recebendo-o de uma Junta Governativa. Tinha Lauro Müller, 26 anos de idade. Sua permanência no governo foi curta, pois, eleito Deputado à Constituinte de 1891, licencia-se na Chefia do Executivo e vai assumir o novo cargo no Parlamento, onde teve oportunidade de revelar as primícias de seu talento e o senso prático das suas ideias, como integrante da Comissão que teve a incumbência de dar parecer sobre o projeto da primeira Carta Magna do Brasil Republicano, à qual Ruy Barbosa imprimiu a marca inconfundível do seu gênio e do seu valor jurídico.

O feito de Lauro Müller foi mantido em todas as Constituições que sucederam a de 1891, até a inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960, na gestão do Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Como Governador, embora num curto período, fez adaptar, ao nosso regime, todos os serviços administrativos e judiciais. Criou as Comarcas de Tijucas e Araranguá.

Encerrados os trabalhos da Constituinte, Lauro Müller volta a Santa Catarina, já como Governador eleito.

A revolta de 1893 vai encontrar o Capitão Lauro Müller servindo no 5º Distrito Militar, combatendo na histórica Lapa, onde teve atuação destacada.

Em 1897, fundava o Partido Republicano Catarinense. Em 1900, elegia-se Senador, depois de harmonizar os seus contrerêneos, profundamente divididos pelas cruentas lutas de 1893.

Chefe Supremo da política catarinense e Senador pode, então, Lauro Müller desenvolver toda a sua atividade em benefício de seu Estado e mostrar ao país, em toda a sua plenitude, a sua inteligência e a força do seu critério superior de legislador.

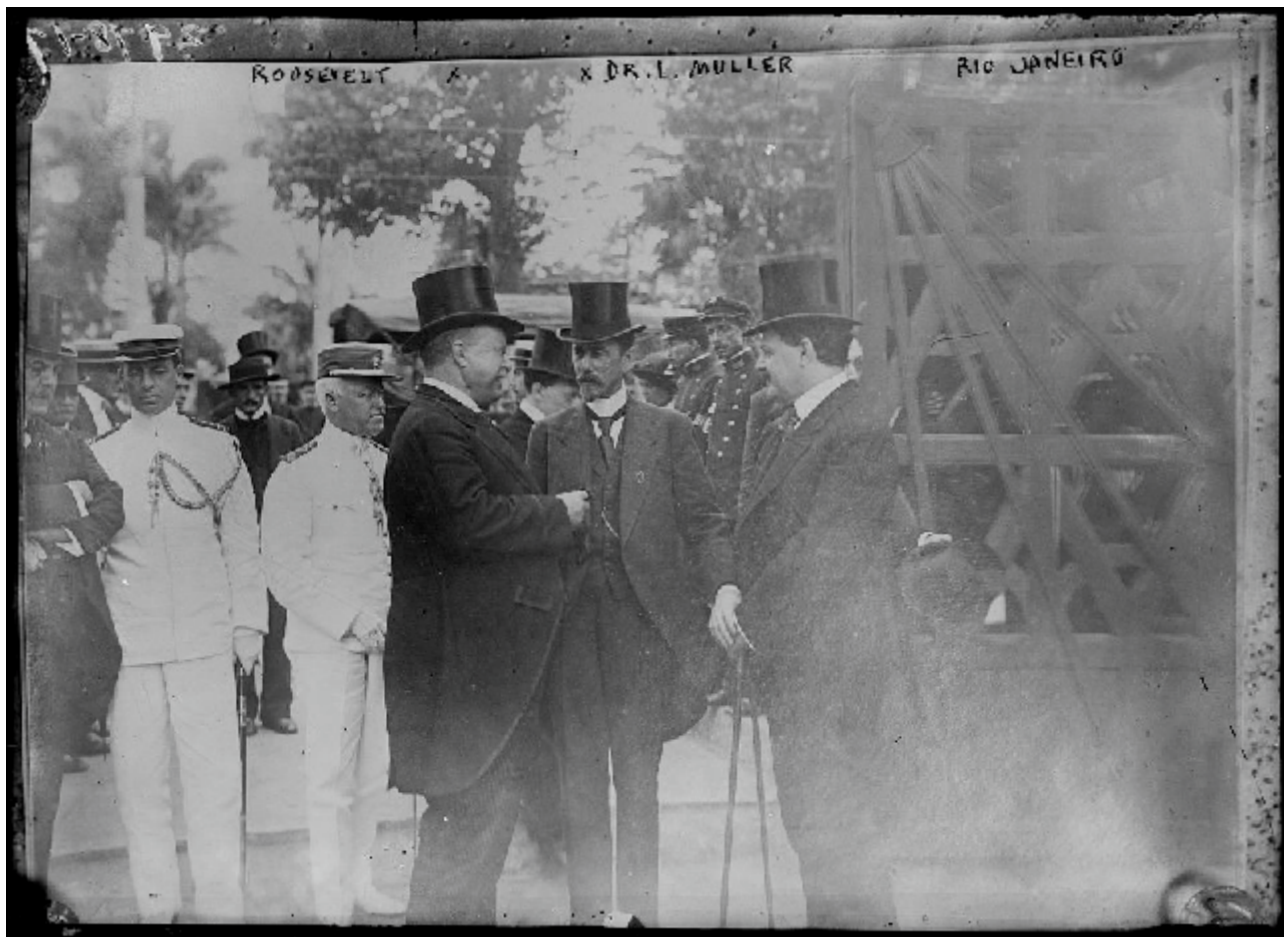
Era Governador, quando foi chamado pelo Presidente Rodrigues Alves para o cargo de Ministro da Viação e Obras Públicas. Governou apenas quarenta dias. Todavia vale a pena recordar este pequeno período de uma administração profícua, que só pode servir de edificante exemplo.

Lançou estradas de ferro de grande alcance econômico, prolongou outras vias férreas, levou os serviços dos Correios e Telégrafos aos pontos mais distantes do Território, impulsionou a exploração do carvão, incrementou a navegação costeira pelo aumento da frota do Loide Brasileiro.



Planejou, melhorou e construiu portos com cais acostáveis, dos quais os do Rio de Janeiro e do Rio Grande seriam suficientes para imortalizar sua gestão no Ministério. Mas, o feito maior de sua administração constituiu-se, sem dúvida, na obra de transformação da cidade do Rio de Janeiro. A Metrópole, pestilenta e suja, foco de febre amarela, universalmente conhecida como porto indesejável e lugar insalubre, tornou-se a mais bela cidade do mundo.

Deixando o Ministério, esgotado pela luta enervante ali desenvolvida, resolve Lauro Müller excursionar pela Europa. Percorreu então os principais países, onde foi recebido com honras de Chefe-de-Estado. E volta ao Senado, refeito, com os mesmos propósitos patrióticos, inspirado, entretanto, em diretrizes modernas para os problemas ligados à economia e às finanças do Brasil. Daí o foi tirar o Marechal Hermes da Fonseca, Presidente da República, para confiar-lhe a Pasta das Relações Exteriores, vaga com a morte do eminente chanceler Barão do Rio Branco.



Theodore Roosevelt e Lauro Müller, no Rio de Janeiro, em 1913.

Sucedeu ao Marechal Hermes na Presidência da República, o Sr. Wenceslau Brás. Este conservou Lauro Müller na Pasta do Exterior até a declaração de guerra do Brasil à Alemanha.

Explorou-se então a sua ascendência germânica para usá-lo como germanófilo. De nada lhe valeu o seu passado todo de relevantes serviços prestados à Nação, a realização de tantas obras para o desenvolvimento e progresso do Brasil. De nada lhe valeram os atos de Ministro, atos dignos e superiores a demonstrar insofismavelmente sua lealdade e patriotismo, primeiramente, solidário ao povo belga, protestando a invasão do seu território pelos exércitos do Kaiser e, depois, rompendo as relações do Brasil com a Alemanha. Tais medidas, entretanto, não satisfizeram os aliados que, pela imprensa, exigiam uma declaração de guerra, com o que Lauro Müller não estava de acordo.

Amargurado pela injusta campanha que se fazia na imprensa do país, contra a sua permanência no Ministério, Lauro Müller renuncia ao cargo que tanto dignificara, e volta, triste e amargurado, à Cadeira de Senador, que lhe confiava o povo de seu Estado.

Uma das frases mais repetida por ele naquela época foi a seguinte: ***“Quem nasce no Brasil ou é brasileiro ou é traidor”***, expressões que respondiam patrioticamente às suspeitas que contra ele levantavam os seus ferrenhos adversários, apontando o seu nome e sua origem alemã.

Naquele ano de 1917, mais uma vez o Estado de Santa Catarina exigiu o seu sacrifício. Vindo a Florianópolis presidir a Convenção do Partido Republicano, deparou-se ele com uma crise política que punha em perigo a tranquilidade da família catarinense.

Abdon Batista e Hercílio Luz disputavam a sucessão de Felipe Schmidt, para o quadriênio de 1918 a 1922. Para reconciliar as forças políticas, Lauro Müller não teve alternativa senão aceitar sua candidatura a Governador do Estado, ficando Hercílio Luz como Vice. Assim, foi ele pela terceira vez eleito para o cargo, porém, fiel ao acordo estabelecido, não assumiu, em favor de Hercílio Luz, que cumpriu o mandato, fazendo excelente administração.

Em agosto, ainda em 1917, foi ele recebido na Academia Brasileira de Letras, para ocupar a cadeira, vaga com a morte do Barão do Rio Branco, cujo patrono é o Padre Antônio Pereira de Souza Caldas.

Embora Maçom aparentemente inativo e face aos seus afazeres, e que por isso mesmo nunca passou do Grau 3º “Mestre”, mesmo como Membro do Senado, o Irmão Lauro Müller viu com simpatia a formação da primeira Loja Maçônica de sua cidade natal, a “Acácia Itajaiense”, fundada em 24.06.1911 pelo Dr. Américo da Silveira Nunes, e que recebeu a Carta Constitutiva Nº 200 em 01.09.1911 do Grande Oriente do Brasil e foi regularizada em 23.09.1911.

Fato é que na primeira administração (1911) da Loja, e na seguinte (1912), figurou o nome do Irmão Lauro Severiano Müller, Grau 3º, como Representante da Oficina na Assembleia Geral do Grande Oriente do Brasil, como tal tendo sido anotado o seu nome no competente “Registro de Administrações”, ainda hoje existente no “Arquivo Velho”. Foi Iniciado Maçom na Loja “2 de Dezembro”, Loja a que pertenceram muitos militares, inclusive o Marechal Deodoro.

Resumindo alguns dos grandes feitos de Lauro Severiano Müller:

Levou os serviços dos Correios e Telégrafos aos pontos mais distantes do território.

Obra de transformação da cidade do Rio de Janeiro. A Metrópole, pestilenta e suja, foco de febre amarela, universalmente conhecida como porto indesejável e lugar insalubre, tornou-se a mais bela cidade do mundo.

Em agosto, ainda em 1917, foi ele recebido na Academia Brasileira de Letras, para ocupar a cadeira, vaga com a morte do Barão do Rio Branco, cujo patrono é o Padre Antônio Pereira de Souza Caldas. O Brasil carece muito de um ser humano como foi o nosso Irmão Lauro Severiano Müller.

(*) Renato Mauro Schramm é Presidente do Clube Filatélico Maçônico do Brasil;
Vice-Presidente da Academia Brasileira de Filatelia e
Presidente de Honra da FILABRAS – Associação dos Filatelistas Brasileiros.

Originalidade e inovação na coleção temática

Rogério A. Dedivitis - Santos, SP (*)

Introdução

Os critérios de julgamento das coleções temáticas em exposições filatélicas são bem estabelecidos, conhecidos e amplamente divulgados. São aplicados pelas Federações Internacional (FIP), Interamericana (FIAF) e Brasileira (FEBRAF). Um dos critérios utilizados recebe a denominação de Inovação e para ele são atribuídos 5 dos 100 pontos possíveis.

De fato, revisando os *Guidelines for Judging Thematic Philately Exhibits*, a distribuição de pontos segue mostrada na Tabela 1.

Tratamento e importância filatélica	Título e plano	15
	Desenvolvimento temático	15
	Inovação	5
	Subtotal	35
Conhecimento filatélico e relacionado	Conhecimento temático	15
	Conhecimento filatélico	15
	Subtotal	30
Condição e raridade	Condição	10
	Raridade	20
	Subtotal	30
Apresentação		5
Total		100

Tabela 1. Pontos atribuíveis a uma coleção temática, de acordo com Diretrizes para coleções temáticas.

O mesmo Regulamento define Inovação como “the personal approach of the exhibitor, highlighting the results of his/her ability to create an interesting story and illustrate it with the best material available.”

O item 3.2.3 do Regulamento estabelece as seguintes possíveis maneiras de como a inovação pode ser demonstrada na coleção temática:

- Introdução de novos temas;
- Novos aspectos de um tema conhecido ou estabelecido;
- Novas abordagens de temas conhecidos;
- Novas aplicações de material.

Para maior contextualização, segue a tradução do site da FEBRAF sobre como o Regulamento discorre sobre inovação: “É assumido que a participação evidencia o trabalho pessoal do expositor, ressaltando os resultados de sua habilidade para inovar. Isso requer um esforço pessoal mediante estudo, investigação e uso da imaginação, o que não pode ser conseguido pela simples reprodução mecânica de trabalhos já existentes. Os expositores podem se valer de todas as fontes disponíveis sobre o assunto (exemplo: literatura filatélica e temática, assim como outras coleções) para avançar na investigação.”

Vamos discorrer sobre cada um dos quatro aspectos mencionados acima e fazê-lo com exemplos práticos, o que torna a exposição das ideias mais clara.

Introdução de novos temas

Quando se apresenta um tema novo, está sendo apresentada uma história nova. É uma maneira de inovar. Entretanto, um tema novo, se tiver um plano desenvolvido utilizando jargões e estruturas já conhecidas em coleções de temas similares, não se está inovando totalmente. Para contextualizar, segue um exemplo hipotético:

Se, a um tema novo, agrega-se uma estrutura diferente do que se poderia esperar, o resultado, em termos de inovação, é muito bom. Exemplos disso são as belíssimas coleções *From barter to bits*, do filatelista brasileiro Fernando Veiga, que recentemente recebeu Ouro Grande FIP na IBRA 2023 (figura 1) e *A guided tour of the 2nd oldest profession – intelligence services museum*, de Menachem Lador, que convida o espectador a visitar os serviços de inteligência como se fosse a um museu (figura 2).

From Barter to Bits
The Origin, Evolution and Use of Money

In the beginning, people acquired and exchanged goods through barter. However, in addition to the difficulty in matching interests between the contracting parties, the exchanges of one product for another were not always fair. Money emerged as a facilitating instrument for these transactions, since it is a medium of exchange, being easily stored and transported; unit of account, allowing to measure and compare the value of products and services; and store of value, making it possible to save. But whether it is represented by shells, feathers, metallic coins, pieces of paper or plastic, money does not always retain its value, as it depends on the importance attributed by people. Currently, money is even represented by a string of computer code, which may require additional regulation by the monetary authorities.

0. Introduction - Timeline of Monetary Evolution

- 9,000 B.C. - Cattle
- 1,200 B.C. - Cowrie Shells
- 500 B.C. - Coinage
- 9th Century - Paper Currency
- 1946 - Plastic Cards
- 2009 - Cryptocurrencies

PLAN

1. To acquire essential goods and services...	11 pgs
1.1. The origin of money	
1.2. Economic goods used as money	
1.3. The beginning of banking activities	
2. ...With conscience and thrift...	12 pgs
2.1. The habit of saving money	
2.2. Savings banks emerged worldwide	
2.3. Money remains protected and valued	
3. ...People invest for the future...	12 pgs
3.1. Variable income for risk-takers	
3.2. Fixed income is a conservative strategy	
3.3. In case of risk aversion...	
4. ...Or borrow today to satisfy wants and needs...	12 pgs
4.1. Money doesn't fall from the Sky	
4.2. If you don't have money, ask for a loan	
4.3. Money loans for various purposes	
5. ...By means of banks and other institutions...	12 pgs
5.1. Retail banks are the traditional intermediaries	
5.2. Other agents of the financial system	
5.3. Financial intermediaries in the stock market	
6. ...Which provide the transfer of values...	12 pgs
6.1. Cash is the traditional way to transfer money	
6.2. Money can move through the postal system	
6.3. Through bank accounts is usually safer	
7. ...In the currency of any country...	12 pgs
7.1. The manufacturing process of the currency	
7.2. Most valuable and tradable currencies	
7.3. Currency converter	
8. ...Through a regulated digital economy.	12 pgs
8.1. The value of money can be controlled	
8.2. Modern payment methods	
8.3. Is money really regulated?	

Figura 1 – Folha do plano da coleção *From barter to bits* que, além do tema inovador, apresenta ainda um plano criativo.

(*) dedivitis.hns@uol.br

A Guided Tour of the 2nd Oldest Profession – Intelligence Services Museum



Hello Dear Visitors

My name is Nemy Meese and I will be your guide today visiting our Museum. I am not a retired spy - I am the Museum's curator.

Our mission here is to educate (not train...) the public about intelligence and espionage in an engaging way and to provide context that fosters understanding of its important role and impact.

A nation's Intelligence Community (IC) is responsible for the collection, analysis, and exploitation of timely information about the capabilities, intentions and activities of foreign powers (generally countries but not always), organizations or persons in support of national security, military, foreign policy objectives and law enforcement (that we'll not deal with).

What will you see here? The Entrance Plaza describes the Mission, Theory, Early History and Organization of Intelligence Services in various countries. From that Plaza split several halls, describing the different intelligence disciplines. Each hall may have lateral routes that will specific stories. As in any Museum, exit is through our shop, where you'll find literature, films and paintings. Where relevant, a 3D barcode refers you to more information!

TAKE CARE!

We are watching every step of yours! Have a thorough look at this exhibit!



Entrance Plaza: Missions and Organization - You Can Never Know Enough (16 p.)

1.1 Intelligence Community's Missions	3.1 IC is Organized Differently in each country
2.1 Old Profession - Bible and Ancient Times	4.1 The Diplomatic Posit

Hall 1: Human Intelligence (HUMINT) – The Everlasting Discipline (16 p.)

1. Basics of human spying	3. The Atom Story
2. HUMINT Through the Ages	4. Political Intervention

Hall 2: Visual Intelligence (VISINT) – Where is Your Enemy? (12 p.)

1. Land Reconnaissance	3. Maritime Reconnaissance
2. Air and Space Imagery (IMINT)	4. Mapping your enemy

Hall 3: Signal Intelligence (SIGINT) – Hear and Read your Enemy (22 p.)

1. From Vocal Messages to Electronics	3. Cyber Warfare
2. Cryptanalysis – Reading your enemy's Messages	

Hall 4: Important Information may be Open (OSINT) – Just pick it Up (6 p.)

1. Journals, Radio and TV, Internet	2. Technical & Scientific Warfare
3. Industrial Intelligence	

Hall 5: Psychological Warfare (Psyops) – Enemy's Mind as a Target (8 p.)

1. Deceiving Your Enemy	2. Philately and leaflets are legitimate tools
3. The DR. Zhigago Story	

Hall 6: Counterintelligence – You Must Always Protect Yourself (10 p.)

1. Camouflage – Don't transfer secrets	2. Shit! The Enemy is Listening
3. Protecting the Leaders	4. Fighting Terrorism

Museum Store – Books, Films, Art (4 p.)

1. Books, Art	2. Radio Dramas and Films
---------------	---------------------------

Museum Plan



**Intelligence Services
2nd Oldest Profession**

Entrance Plaza
Missions, Early History, Organization

MAIN ENTRANCE

The Museum shows only well scientifically documented facts and stories (The Secret World, C. Andew; Spybook – The Encyclopedia of Spying, Polmar & Allan; Her Majesty's Secret Service, C. Andew; A Century of Spies – Intelligence in the 20th Century, J. Richelson) as well as many Internet sites:

- <https://www.cia.gov/library/readingroom/collection/targets>
- <https://www.worldhistoryonline.com/>

Main thematic text – Gadugi T2: Detailed Thematic text – Betushoff-Gadonard II, Philately Tour – TNR II

Significant thematic items Rare items Expertised items

Figura 2 – Folha do plano da coleção *A guided tour of the 2nd oldest profession – intelligence services museum*, também inovadora no tema e na estruturação do plano.

Novos aspectos de um tema conhecido ou estabelecido

Coleções de temas desenvolvidos por vários colecionadores podem “sair fora da caixa” ao agregarem aspectos novos, antes não explorados.

A coleção *Tennis – from game of kings to sport for all*, de Norman Jacobs, traz, no capítulo 4, os fatores que influenciam o resultado de um jogo e aborda clima, sorte, nutrição e lesões, doença e drogas (figuras 3a e 3b).

TENNIS

FROM GAME OF KINGS TO SPORT FOR ALL

This eight-frame thematic exhibit presents a comprehensive view of the sport of tennis, using a broad variety and depth of philatelic elements.

A Royal diversion... a garden party activity for the aristocracy... a tension-filled, high-paying Grand Slam final... a child's first lesson with a borrowed racket... a family vacation... Tennis encompasses all these and much more. Let's explore the origins of this fascinating sport, the equipment and strokes, and the network of tennis federations and recreational programs that support the millions of people around the world who love tennis.




The earliest recorded tennis advertising cover, postmarked July 25, 1884, shows that lawn tennis had spread to Chicago within 10 years of its initial appearance in England.

Items of note are highlighted with a green lawn tennis border, like this.

The microscope symbol indicates personal research.

Figuras 3a – Folha do plano da coleção *Tennis – from game of kings to sport for all*.



TITLE, INTRODUCTION, PLAN	2
1. THE ROOTS OF MODERN TENNIS	
1.1 Tennis Precursors	3
1.2 Lawn Tennis Appears	3
1.3 Tennis Spreads Around the World	5
1.4 Heads of State Play Tennis	2
2. WHAT EVERY PLAYER NEEDS	
2.1 Rackets	7
2.2 Balls	4
2.3 Tennis Clothes and Shoes	8
2.4 The Tennis Court	5
2.5 The Net	2
3. PLAYING THE MODERN GAME	
3.1 Format and Rules	6
3.2 Serve	3
3.3 Forehand	3
3.4 Backhand	2
3.5 Volley	2
3.6 Specialty Shots	1
4. FACTORS INFLUENCING MATCH RESULTS	
4.1 Weather	2
4.2 Luck and Aggravations	1
4.2 Nutrition	1
4.3 Injuries, Illnesses, and Drugs	2
5. ORGANIZED TENNIS	
5.1 The ITF and National Tennis Federations	3
5.2 Local Tennis Organizations	1
5.3 The Professional Tour	4
5.4 Promoters, Sponsors, and Publicity	4
6. THE GRAND SLAMS	
6.1 Australian Open	4
6.2 French Open	4
6.3 Wimbledon	5
6.4 U.S. Open	4
6.5 Grand Slam Winners	2
7. TOURNAMENTS AROUND THE GLOBE	
7.1 Davis Cup	4
7.2 Wightman Cup and Fed Cup	2
7.3 National and Regional Tournaments	4
7.4 Student Championships	2
8. TENNIS AT THE OLYMPIC GAMES	
8.1 The Early Years	3
8.2 Is Tennis In or Out?	3
8.3 Tennis Returns and Belongs	3
9. TENNIS JUST FOR FUN	
9.1 Youth Programs	4
9.2 Adult Recreational Tennis	7
CONCLUSION	1
	128 pages

Figuras 3b – Folha do plano da coleção *Tennis – from game of kings to sport for all*.

Novas abordagens de temas conhecidos

O exemplo define o assunto. Há várias belas coleções abordando aves. Muitas acabam seguindo a classificação taxonômica. Algumas vão mais à frente e agregam relações ecológicas e as diversas possíveis relações com o homem.

O plano da coleção *Fascinated in feathers – how birds inspire people*, de Damian Läge, atingiu altíssimo grau de inovação, abordando um tema frequente de uma forma diferente, ou seja, a visão e o fascínio que o Homem tem sobre as aves (figura 4).

A coleção *Chess – the game of war*, de Yoram Lubianiker, ao abordar o xadrez, estabelece uma relação do jogo com a guerra, ao longo da coleção (figura 5).

Appendix: plan of the exhibit

Part 1: Bird tracks in culture: three times three first indications of the "fascination with feathers"

- 1.1 Colours, shapes and figures – Bird depictions in art
- 1.2 Coats of arms, coins and totem poles - They all are "winged" emblems
- 1.3 Places, ships and persons – Birds as inspiration

No other group of animals is as present as the world of birds in pictures, symbols and the language of mankind. In the course of the exhibit we will see why this is the case. But here is the central thesis:

Part 2: The birds themselves ensure this fascination

You don't believe it? Then accompany me on an ornithological excursion:

- 2.1 Join me on an excursion into unspoiled nature.
- 2.2 Observe the fascinating birds in zoos, parks – and in the middle of the city
- 2.3 Or just lean back and marvel at the world of birds from your own sofa
- 2.4 Scientists and laymen – both got inspired. They devoted their lives to the exploration and naming of the world of birds
- 2.5 But only the scientific system ensures the breakthrough in ornithology

Part 3: The fascinating world of birds connects us humans with our own existence

- 3.1 Also common people observe bird behaviour – they, however, interpret it from a human perspective
- 3.2 Sayings, fairytales and legends transfigure these characteristics of birds
- 3.3 And finally, striking species become the symbol of whole regions

Part 4: Birds on coats of arms and bird feathers are the symbolic expression of this connection

- 4.1 On the sign: The eagle and his comrades as a symbol of power
- 4.2 On the letter and above the clouds: Feathers as a symbol of speed and mobility
- 4.3 On the head and on clothes: Feathers decorate and secure status

Part 5: Fascinating relationships between birds and people – very real and without symbolism

- 5.1 From the symbol to the profane: There are other needs for feathers
- 5.2 Winged delicacies
- 5.3 Successful hunting enables such treats
- 5.4 Planned according to needs – poultry keeping is the more efficient way to gain meat and feathers
- 5.5 Bird keeping with "higher goals": Partnerships between mankind and birds
- 5.6 Friends in the living room – the hobby of birdcages and aviaries

We have therefore made friends with the feathered creature in our living room. But as soon as we look out of the window, we find a shocking picture:

Part 6: But what will become of the "fascination with feathers" in open nature?

- 6.1 A look outside: The bird world cries S.O.S.
- 6.2 A creature under threat: People provide their services
- 6.3 Future or utopia: Three visions for the "fascination with feathers"

Figura 4 – Folha do plano da coleção *Fascinated in feathers – how birds inspire people*, de Damian Läge.

Chess – the Game of War

Chess is known as “the game of war”. When invented, nearly 2,000 years ago, it was meant to imitate war. This exhibit follows the story of chess – its invention, its components, the rules, the path to victory and the various types of tournaments. At each step along the way we present **corresponding specific examples of military history**. These examples highlight the remarkable similarities (despite some inevitable differences) between actual war and the game of war, known as chess.

Exhibit Concept

Chess	War
Invented to immitate war.	Existed since the dawn of times.
Requires pieces, two players and a set board.	Requires two armies, two commanders and a battlefied.
Has clear and fair rules for the beginning of the game, the way it is conducted and its end.	Is far more chaotic in all aspects, and the price to pay is significantly higher.
Victory is achieved using methods of attack and imaginative tactics.	Victory is achieved using methods of attack and imaginative tactics.
Competitions exist on all levels.	Battles exist on all levels.
Has not changed in the last 150 years.	Changed dramatically in this time span.



Field Marshal Hindenburg checkmating Grand Duke Nicholas of Russia, commander of the Russian army in WWI. Both men are being assisted by their allies.
An Austrian postcard from World War I.

Exhibit Plan

Prologue	3	4. Winning Tactics and Strategy	19
1. How It All Began	8	4.1 Defensive measures are required...	
1.1 Games imitate life...		4.2 ... and attack methods are implemented...	
1.2 ... and war is a part of life ...		4.3 ...while strategic advantages enhance the winning chances...	
1.3 ... so chess was invented to imitate war.		4.4 ... enabling some great masterpieces.	
2. Before the Game / War Starts	25	5. The Theaters of Chess & War	17
2.1 The different military units ...		5.1 Skirmishes occur on various scales....	
2.2 ... form two armies...		5.2 ... and the greatest winners get to rule the world...	
2.3 ... each with its own commander...		5.3 ... but sometimes teamwork is required.	
2.4 ... on a set battlefield...		6. Chess and War Part Ways	6
2.5 ... and a supporting infrastructure.		6.1 Warfare has seen many changes in modern times ...	
3. The Rules of Fair Fighting	17	6.2 ... and new games present alternatives for Chess.	
3.1 One side starts ...		Thematic text – 11, regular	
3.2 ... and then progress is slowly made.		Philatelic text – 10, italic	
3.3 There are casualties along the way...		Auxiliary text – 10, regular	
3.4 ... and time limits to face...			
3.5 ... until eventually it all comes to an end...			
3.6 ... with spoils for the winner.			

Figura 5 – Folha do plano da coleção *Chess – the game of war*.

Novas aplicações de material

Certos materiais entram naturalmente em certas coleções. Selos, cartas e carimbos que ilustram o Presidente Getúlio Vargas cabem em qualquer coleção que aborde a História do Brasil. Contudo, o que Getúlio, Billy the Kid, John Lennon, George Harrison e Indira Gandhi têm em comum que justifique estarem juntos em uma folha de uma coleção sobre coração, como a nossa, “O Pulsar da Vida”? Todos foram vítimas, em diversos contextos, de ferimento por projéteis de arma de fogo que atingiu o coração e/ou grandes vasos do tórax e entram no subcapítulo sobre trauma cardíaco dentro do capítulo de doenças e agravos ao coração (figura 6).

Ainda para ilustrar, citamos outro exemplo de nossa coleção: o que água tem a ver com coração? A ingestão de água mantém o equilíbrio hidroeletrólítico do organismo; a ingesta de volume adequado mantém pressão arterial e frequência cardíaca e, em certas doenças, tal volume deve ser restringido (figura 7).



Figura 6 – Folha de nossa coleção sobre figuras que sofreram trauma cardíaco ou dos grandes vasos. Esse estudo temático possibilitou a inclusão de interessante material (prova, variedade, franquia mecânica difícil de encontrar etc.) que, de início, não caberia em uma coleção sobre coração.



Figura 7 – Outra folha de nossa coleção sobre coração/Cardiologia, abordando a água. A inclusão deste aspecto possibilitou um estudo sobre emissão de Nevis, ilha caribenha (1861-1890) e uma carta do século 17 (com uso no período de 1604 a 1797) com o Leão de São Marco e as letras AQ significando *Acquis* (água).

Comentários

Uma questão vem à mente: até quanto tempo uma inovação continua sendo inovação? Em outras palavras: uma coleção atinge pontuação máxima em Inovação (5 pontos) em certa exposição e continua, ao longo dos anos seguintes, a ser exposta em diferentes exposições. Essa coleção sempre continuará a receber nota 5 com a estrutura inicial? Ou deverá, em algum momento, apresentar novos aspectos inovadores? Quando uma inovação deixa de ser inovadora?

Quando verificamos as orientações gerais para pontuações em conformidade com as *General Regulations of the FIP for the Evaluation of Competitive Exhibits at FIP Exhibitions – GREV*, temos a distribuição apresentada na Tabela 2.

Tratamento e importância filatélica	30
Conhecimento, estudo pessoal e pesquisa filatélicos e relacionados	35
Condição e raridade	30
Apresentação	5
Total	100

Tabela 2. Pontuação estabelecida pelas GREV.

O item “Inovação” faz da pontuação da Filatelia Temática uma exceção à regra de distribuição de pontos que é seguida pelas demais classes competitivas. Será que isso se justifica?

Ao voltar-se para os critérios que o Regulamento para coleções temáticas coloca para aquilhoar-se uma coleção por ser inovadora, percebe-se que eles estão dentro das grandes áreas dos aspectos temáticos (novos temas, novos aspectos e novas abordagens de tema conhecido) ou filatélicos estabelecidos (novas aplicações do material). Assim, ao julgarem-se título, plano, conhecimento e desenvolvimento filatélico, a inovação acaba sendo um dos elementos avaliados. Da mesma forma, a inovação está presente dentro dos conhecimentos filatélicos. E ousaria ainda afirmar que a própria apresentação da coleção tem, por vezes, mostrado construções inovadoras.

Assim, cremos que, nos fóruns adequados, a inovação deverá ser, nos próximos anos, rediscutida, não quanto à sua importância (que fica clara por tudo o que foi exposto acima), mas sim quanto à forma como é avaliada.

Tijucas – Santa Catarina

Luis Claudio Fritzen - Florianópolis, SC



Tijucas é um município brasileiro do estado de Santa Catarina. Localiza-se a uma latitude 27°14'29" sul e a uma longitude 48°38'01" oeste, estando a uma altitude de 2 metros do nível do mar.

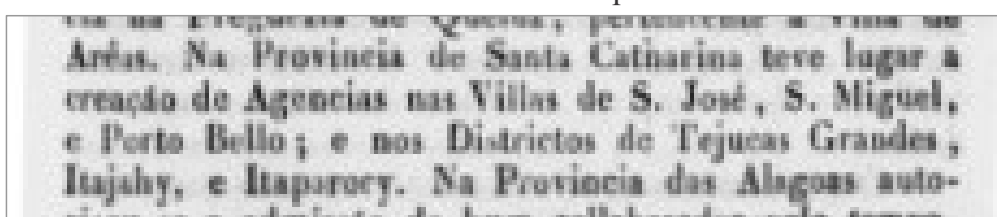
Os Índios carijós, primitivos habitantes da região onde hoje se localiza o Município, designavam por Ty-Yuca o vale por onde corre o rio Tijucas. Essa teria sido a origem do topônimo. "Tijucas" é um vocábulo originário da língua tupi: significa "terra de lama", pois os indígenas que habitavam na região, faziam referência à praia da cidade, que é enlameada.

As primeiras incursões de civilizados datam de 1530, quando Sebastião Caboto, navegante a serviço da Espanha, aportou na enseada da costa catarinense. Ao que parece, no entanto, a colonização só se iniciou mais tarde. Nomeado governador em 1775, o coronel Antônio da Gama providenciou fosse fundada uma povoação na enseada das Garoupas (Pôrto Belo), começando por distribuir moradores não só pelo próprio local como pelo território vizinho, onde se achava o atual Município. O número de habitantes era, então, pouco mais de quinhentas pessoas. O povoado nascente, ligado à paróquia de São Miguel recebeu a imigração açoreana, que influenciou nos seus costumes.

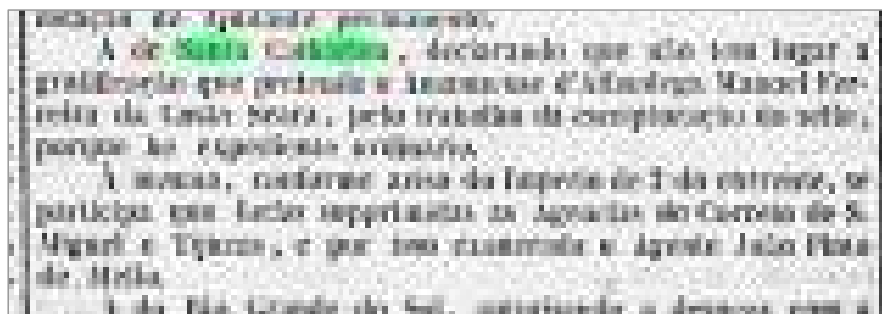
Em 1788, um grupo de pessoas subiu o rio Tijucas em busca de pinheiros, demorando-se nessa exploração por mais de vinte dias. Embora não fosse alcançado o objetivo, os desbravadores reconheceram a fertilidade do vale e constataram a existência de madeiras de lei, o que, atraindo outros exploradores, ensejou o desenvolvimento da aglomeração. Por uma Resolução da Assembleia Provincial, em 1836, foram concedidas terras devolutas na região. Entre os beneficiados estavam Carlos Demaria e Henrique Schutel nessas terras, situadas à margem direita do rio Tijucas, a aproximadamente 30 quilômetros de sua foz, fundou-se uma colônia, denominada Nova Itália, com maioria de elementos italianos, oriundos principalmente da Sardenha. Um ataque de silvícolas em 1839, se bem que arrefecesse os ânimos, não prejudicou por muito tempo o progresso do território. Em 1848, foi criado o distrito de São Sebastião da Foz do Tijucas, segundo traçado já existente, do engenheiro João de Souza Melo e Alvim, que, anos antes, andara pelo mesmo terreno, fazendo o levantamento do rio Tijucas.

O comércio de madeira foi uma das principais causas do desenvolvimento do distrito, alcançando o ponto máximo na terceira década desse século. Atualmente, porém, a economia do Município baseia-se, essencialmente, na agricultura, e a produção de cana-de-açúcar tende a ser das principais nesse ramo.

Houve crescimento da localidade, tanto que no ano de 1839 foi criada uma agência dos Correios, como se infere do Relatório do Ministério do Império de 1840:



Entretanto, teve duração efêmera, tendo sido extinto menos de 10 anos após, em 1847, como se observa na Gazeta Oficial de 1847:



O Distrito foi criado pela Lei provincial n.º 71, de 4 de maio de 1848. O Município o foi quando da transferência da sede de Pôrto Belo para São Sebastião da Foz do Tijucas, efetuada segundo a Lei provincial n.º 464, de 4 de abril de 1859.

A comarca de Tijucas foi criada pela Lei provincial n.º 691, de 24 de julho de 1873. Constituída por um só termo, o de mesmo nome, formado pelos municípios de Tijucas e Pôrto Belo. Em 1876, é recriada a agência dos Correios, conforme Relatório do Presidente da Provincia de Santa Catharina de 18 de março de 1876:

Forão ultimamente creadas agências de correio em diferentes localidades, taes como Lages, S. José, S. Miguel, S. Sebastião das Tijucas, Cambriú, Itapacoroy, Barra-Velha e Porto-Bello; e elevadas a 3 as viagens dos estafetas para Lages e a 4 para Laguna, Itajahy, S. Francisco e Joinville.

Em 14 de fevereiro de 1890, foi inaugurada a Estação Telegráfica de Tijucas.

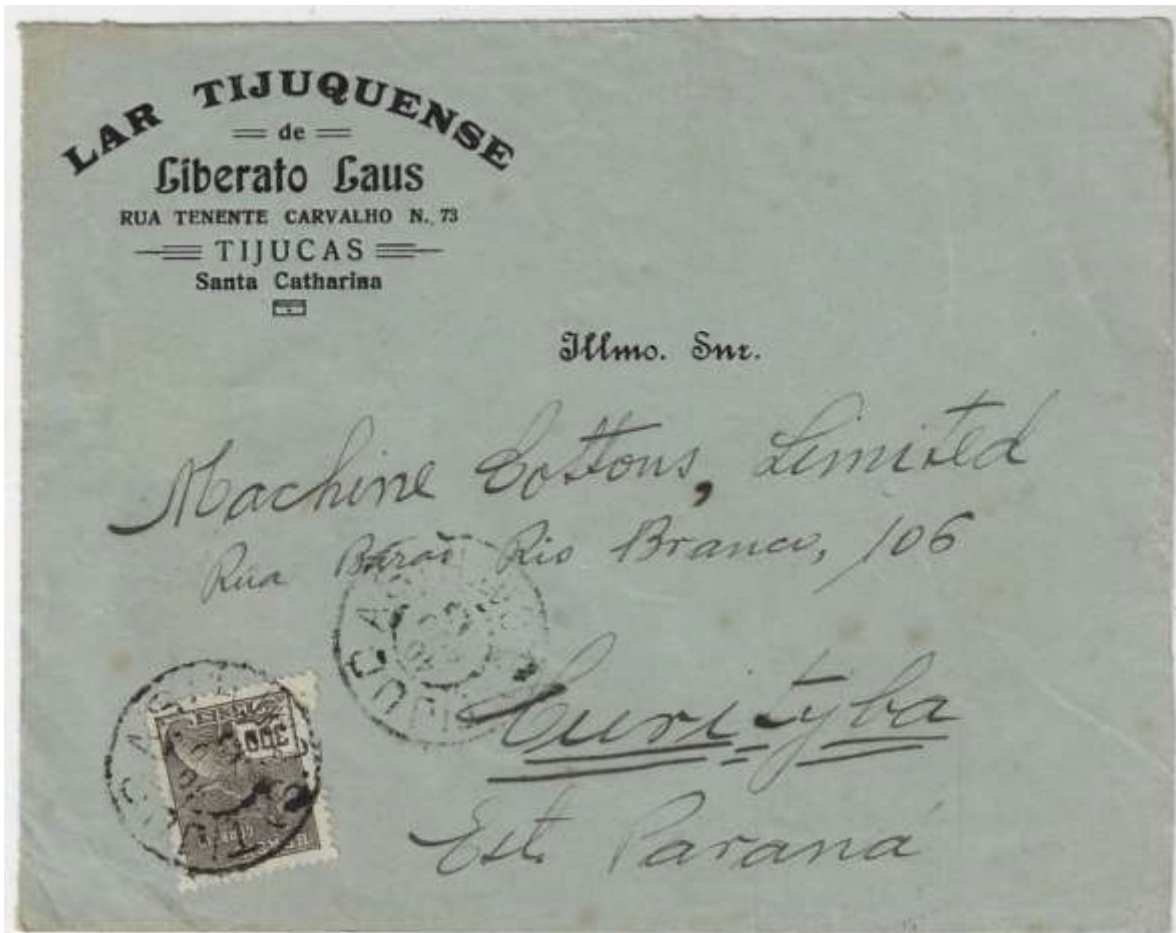
Segundo a divisão administrativa vigente a 31 de dezembro de 1956, o Município era composto de 6 distritos: Tijucas, Boiteuxburgo, Canelinha, Major, São João Batista e Tigipió.



Carimbo de 19 de novembro de 1900 – circular, com 4 pequenos losangos na parte inferior.



Carimbo de 19 de maio de 1902 – circular, com 4 pequenos losangos na parte inferior.



Envelope para Curitiba/PR, circulado em 10 de agosto de 1928.



Carimbo de 1938, circular, com a inscrição Correios e Telegrafos de Tijucas, e na parte inferior Santa Catarina.

BIBLIOGRAFIA

- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. História de Santa Catarina. Ed. Lunardelli, 1970.
- CAMPOS, Ademar. FATOS E FOTOS DA HISTÓRIA TIJUQUENSE, Tijucas, 1994.
- FRITZEN, Luis C. Agencias Postais da Província de Santa Catharina durante o Império Brasileiro, Boletim Santa Catarina Filatélica n. 56, agosto de 2007.
- GUATEMOSIN, Dorvalino. Miscelânea Histórica, Postal e Filatélica Nacional. Ed. do Autor, 1935.
- IBGE. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, vol XXXII, 1959.
- MEYER, Peter. Catálogo Enciclopédico de Selos e História Postal do Brasil. Ed. RHM, 1999.
- MONTEIRO, Fabio. Carimbologia do Brasil Clássico (T-Y). Ed. ArGe Brasilien, 2022.
- SANTOS, Aureo G. Agencias de Correios Criadas e Suprimidas 1851, 1855, 1856 e 1857. Brasil Filatélico n. 181, 1977.

O progresso simbolizado na numismática brasileira

Juliano Natal - Florianópolis, SC (*)

A representação do progresso das nações sempre foi uma preocupação adotada pelos governantes, objetivando enaltecer e registrar a prosperidade e feitos econômicos da época. Como veículo de amplo alcance e rápida disseminação, as moedas brasileiras também apresentam temas que simbolizam o progresso e o avanço econômico do País. Estão reunidas, na sequência, as principais moedas que trazem representações e símbolos com essas características.

1.000 Réis (1900)

Em 1900, surge a primeira série de moedas na numismática brasileira alusivas a datas e feitos comemorativos. Foram lançadas quatro moedas, cunhadas em prata, de 400, 1.000, 2.000 e 4.000 réis, em comemoração ao 4º Centenário de Descobrimto do Brasil, com cunhagem regulamentada pela Lei número 559 de 31 de dezembro de 1898. Essas moedas fizeram parte dos eventos programados pela Comissão Central do 4º Centenário do Descobrimto (1). Entre elas, a moeda de 1.000 réis, desenhada por Hilarião Teixeira e com cunhos abertos pelo gravador Francisco Teixeira, traz no anverso elementos que simbolizam o progresso do início do século XX: navio, locomotiva a vapor e o arado manual.



O anverso dos 1.000 réis de 1900, contendo elementos que representavam o progresso: navio, à esquerda, máquina a vapor, à direita e arado manual abaixo da alegoria.

Ficha Técnica

- ❖ Casa da Moeda: Rio de Janeiro;
- ❖ Letra Monetária: Sem letra monetária;
- ❖ Metal: Prata 917;
- ❖ Diâmetro: 30,30 mm;
- ❖ Espessura: 2,0 mm;

- ❖ Peso: 12,75 gramas;
- ❖ Borda: Serrilhada;
- ❖ Cunhagem: 33.000 unidades;
- ❖ Reverso: Legenda “4º Centenário do Descobrimento do Brasil”, 1.000 Réis dentro do anel de folhas com as datas 1500 e 1900;
- ❖ Anverso: Legenda “República dos Estados Unidos do Brasil”, estrela e círculo central contendo cabeça de mulher, representando a Alegoria da República. Faixa com a palavra Libertas e elementos que simbolizam o progresso da época: navio, à esquerda da Alegoria da República, locomotiva a vapor, à direita e arado manual, abaixo.

10 Centavos, 20 centavos e 50 centavos (1967 a 1979)

A primeira cunhagem dos 10, 20, e 50 centavos ocorreu durante o período de circulação do terceiro padrão monetário Cruzeiro Novo (13 de fevereiro de 1967 a 14 de maio de 1970). As moedas foram cunhadas na liga cupro-níquel, em 1967. Em seguida, numa nova desvalorização da moeda, dessa vez com a introdução do padrão monetário novamente denominado Cruzeiro (1970 a 1986), as moedas voltaram a ser produzidas em 1970 e 1974 e, entre os anos de 1974 e 1979, em aço inoxidável. Como representação do desenvolvimento econômico, nos seus reversos, a moeda de 10 centavos destaca os altos fornos da indústria siderúrgica, a de 20 centavos apresenta a indústria petrolífera e a moeda de 50 centavos ilustra a indústria naval, exaltando os investimentos direcionados pelo governo militar e por ele incentivados na indústria de base⁽³⁾.

Foi um dos métodos adotados pelo regime militar para demonstrar a divulgação do “milagre econômico”, voltado ao desenvolvimento industrial e energético do País e com quase nenhuma atuação na área social⁽⁴⁾. Todos os reversos foram idealizados pelo gravador Benedicto de Araújo Ribeiro. As cunhagens foram largamente produzidas, considerado grau de raridade CC ou 2C⁽¹⁾, frequentemente disponível no mercado, exceção para cunhagens anômalas e para variante com reverso invertido nos 10 centavos de 1977, esta última considerada como escassa.



Reversos das moedas de 10, 20 e 50 centavos, cunhadas durante o regime militar, exaltando elementos simbólicos do progresso econômico.



Anverso das moedas de 10, 20 e 50 centavos.

Ficha Técnica

10 centavos:

- ❖ Casa da Moeda: Rio de Janeiro;
- ❖ Letra Monetária: Sem letra monetária;
- ❖ Anos de Cunhagem: 1967, 1970, 1974, 1975, 1976, 1977, 1978 e 1979;
- ❖ Metal: Cupro-níquel em 1967, 1970 e 1974 e aço inoxidável entre 1974 e 1979;
- ❖ Diâmetro: 23,00 mm;
- ❖ Espessura: 1,50 mm para a cunhagem de 1967 e 1,30 mm para as demais cunhagens;
- ❖ Peso: 5,52 gramas para a cunhagem de 1967, 4,78 gramas para a cunhagem de 1970 e 1974 e 4,22 gramas para as produções de 1974 a 1979;
- ❖ Borda: Serrilhada;
- ❖ Anverso: Cabeça de mulher de perfil representando Alegoria da República, palavra BRASIL, rosa dos ventos e uma estrela;
- ❖ Reverso: Valor 10 centavos, data abaixo e representação da indústria siderúrgica.

20 Centavos:

- ❖ Casa da Moeda: Rio de Janeiro;
- ❖ Letra Monetária: Sem letra monetária;
- ❖ Anos de Cunhagem: 1967, 1970, 1975, 1976, 1977, 1978 e 1979;
- ❖ Metal: Cupro-níquel em 1967, 1970 e 1975 e aço inoxidável entre 1975 e 1979;
- ❖ Diâmetro: 25,00 mm;
- ❖ Espessura: 1,80 mm para a cunhagem de 1967 e 1,50 mm para as demais cunhagens;
- ❖ Peso: 7,86 gramas para a cunhagem de 1967, 6,55 gramas para a cunhagem de 1970 e 1975 e 5,67 gramas para os anos de 1975, 1976, 1977, 1978 e 1979;
- ❖ Borda: Serrilhada;
- ❖ Anverso: Cabeça de mulher de perfil representando Alegoria da República, palavra BRASIL, rosa dos ventos e uma estrela;
- ❖ Reverso: Valor 20 centavos, data abaixo e representação da indústria petrolífera.

50 Centavos:

- ❖ Casa da Moeda: Rio de Janeiro;
- ❖ Letra Monetária: Sem letra monetária;
- ❖ Anos de Cunhagem: 1967, 1970, 1975, 1976, 1977, 1978 e 1979;
- ❖ Metal: Níquel em 1967, cupro-níquel em 1970 e 1975 em aço inoxidável entre 1975 e 1979;
- ❖ Diâmetro: 27,00 mm;
- ❖ Espessura: 1,70 mm para a cunhagem de 1967 e 1,50 mm para as demais cunhagens;
- ❖ Peso: 8,74 gramas para a cunhagem de 1967, 7,71 gramas para a cunhagem de 1970 e 1975 e 6,65 gramas para o período entre 1975 e 1979;
- ❖ Borda: Serrilhada;
- ❖ Anverso: Cabeça de mulher de perfil representando Alegoria da República, palavra BRASIL, rosa dos ventos e uma estrela;
- ❖ Reverso: Valor 50 centavos, data abaixo e representação da indústria naval.

Bibliografia:

1. Maldonado, Rodrigo. **Moedas Brasileiras: Catálogo Oficial**, 8ª edição. MBA Editores, 2022.
2. Cintra, André e Toretli, Renato. **Histórias que o Dinheiro Conta**, 1ª edição, Lumus Editora, São Paulo, 2006.
3. Schwarcz, Lilia M. e Starling, Heloísa M. **Brasil: Uma Biografia**, 1ª edição, Companhia das Letras, 2015.
4. Caruzo, Miguel Castro: **Enciclopédia do Estudante: História do Brasil**, 1ª edição, Moderna, 2008.
5. www.bcb.gov.br/cedulasemoedas/moedasemitidas.

(*) Juliano Natal

e-mail: juliano_natal@yahoo.com



Pires Filatelia

Selos para coleções

Selos temáticos

História postal

Variedades, provas

Muito mais

E-mail: lpneto56@gmail.com

Telefone: (41) 99237-6909 (VIVO)



A Filatelia e Grandes Revelações

Peter Meyer - São Paulo, SP

Quando estudamos a História do Brasil na escola, geralmente não damos muita importância à matéria. Dizemos que se trata de decorar datas, personalidades e que "quando adultos" esquecemos tudo.

Pergunte a qualquer brasileiro, com um certo grau de instrução, quem proclamou a nossa Independência e quando foi. A resposta será quase sempre: Dom Pedro I e dia 7 de setembro. O ano? Alguns sabem, outros, não. Foi em 1822. Estudando um pouco mais esse período conturbado de nossa história, nos deparamos com algumas grandes revelações que somente a filatelia pode nos trazer. Na filatelia temos cartas, bandos, circulares e documentos que podem esclarecer diversos pontos ainda desconhecidos do nosso próprio passado.

Primeira questão: Desejava Dom Pedro I proclamar a nossa Independência?

Segunda questão: Quando e por quem a Independência foi definida?

Revolução do Porto de 1820 foi um movimento que exigia a volta de TODA a família Bragança para Portugal e desejava uma monarquia constituinte.

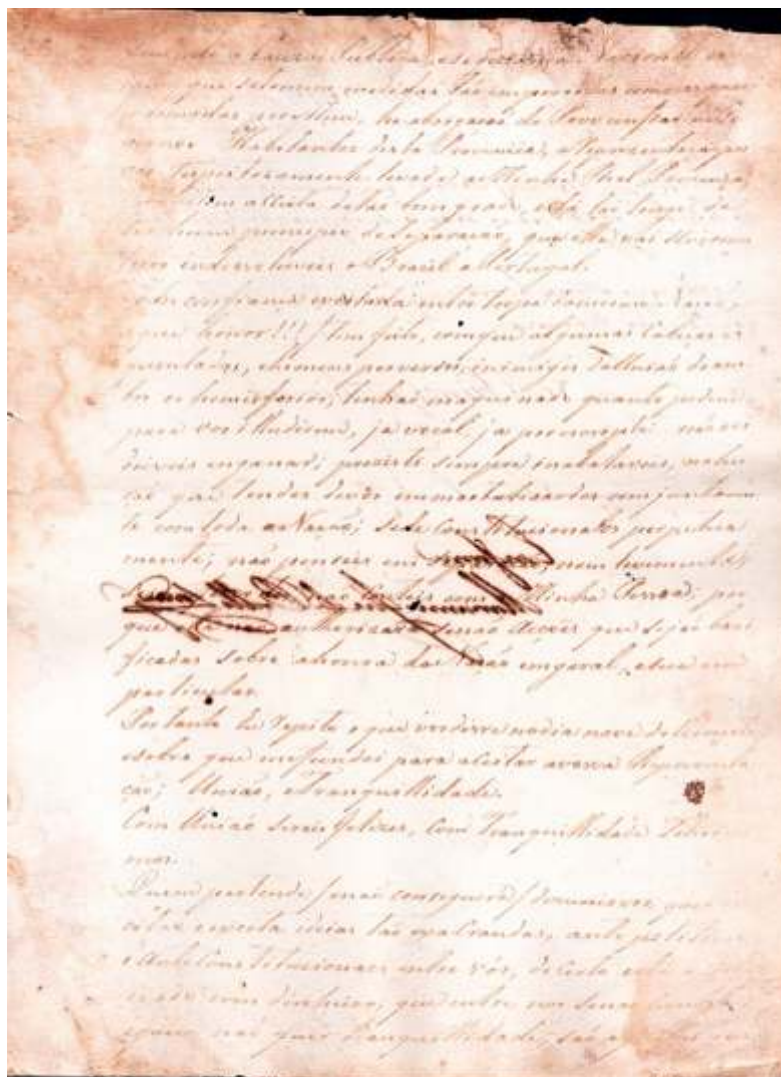
Foi de certa forma o estopim para o início de nossa Independência.

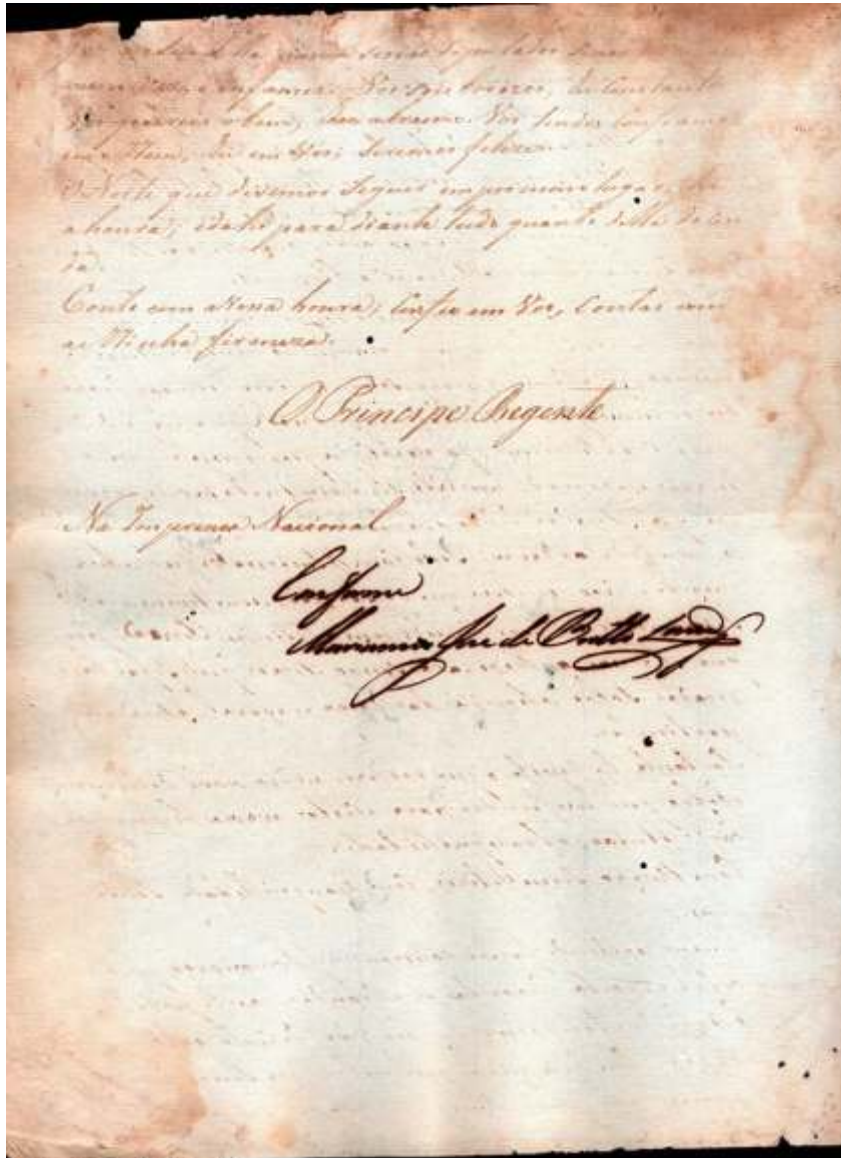
Nessa época, acredito que Dom João VI e Dom Pedro I estavam conversando a respeito e que no final decidiram que Dom João VI voltaria e Dom Pedro I ficaria no Brasil. Foi o famoso dia do "FICO".

Na carta ilustrada abaixo, podemos deduzir que houve essa dúvida. Na parte interna, assina Dom João VI e na parte externa há a indicação "Pelo Príncipe Regente".

Um documento descoberto recentemente demonstra que Dom Pedro I não desejava a Proclamação da Independência. A seguir, cópia do documento e a tradução de parte do texto que deixa claro essa posição do Imperador.

PEDRO I NÃO PRETENDIA PROCLAMAR A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL





“Quando a Cauza Publica e segurança Nacional exigem que se tomem medidas tão imperiosas como as agora tomadas por Mim, he obrigação do Povo confiar no Governo. Habitantes desta Provincia, a representação por vós respeitosa e levada a Minha Real Prezença e por mim aceita de tão bom grado, está tão longe de ser um principio de Separação, que ella vai unir com laços indissolúveis o Brasil e Portugal.

A desconfiança excitada entre tropas da mesma Nação, xxx que horror!!! J tem feito, com que algumas Cabeças esquentadas, e homens perversos, inimigos da União de ambos os hemisférios, tenham maquinado quanto podem para vos iludirem, já vocal, já por escripto: não vos deixeis enganar; persisti sempre inabaláveis, natenção que tendes devos immortalizades com juntamente com toda a Nação; sede Constitucionaes perpetuamente; não penseis em separação, nem levemente, xxx xxx xxx, não conteis com a Minha Pessoa; por que ella não authorizara senão acções que sejam basificadas sobre a honra da Nação em geral, a sua em particular.

Portanto Eu repito o que vos disse no dia nove do corrente e sobre que meAtendes para aceitar avossa Representação União; eTranquillidade.

Com União sereis felizes, com Tranquillidade Feli...mos.

Texto continua afirmando sobre as ideias antepolíticas, antecostitucionais entre vós, de certo “motivados” por dinheiro.”

No final escreve: Conto com Vossa honra, confio em Vos, Contas com a Minha Firmeza
O Príncipe Regente

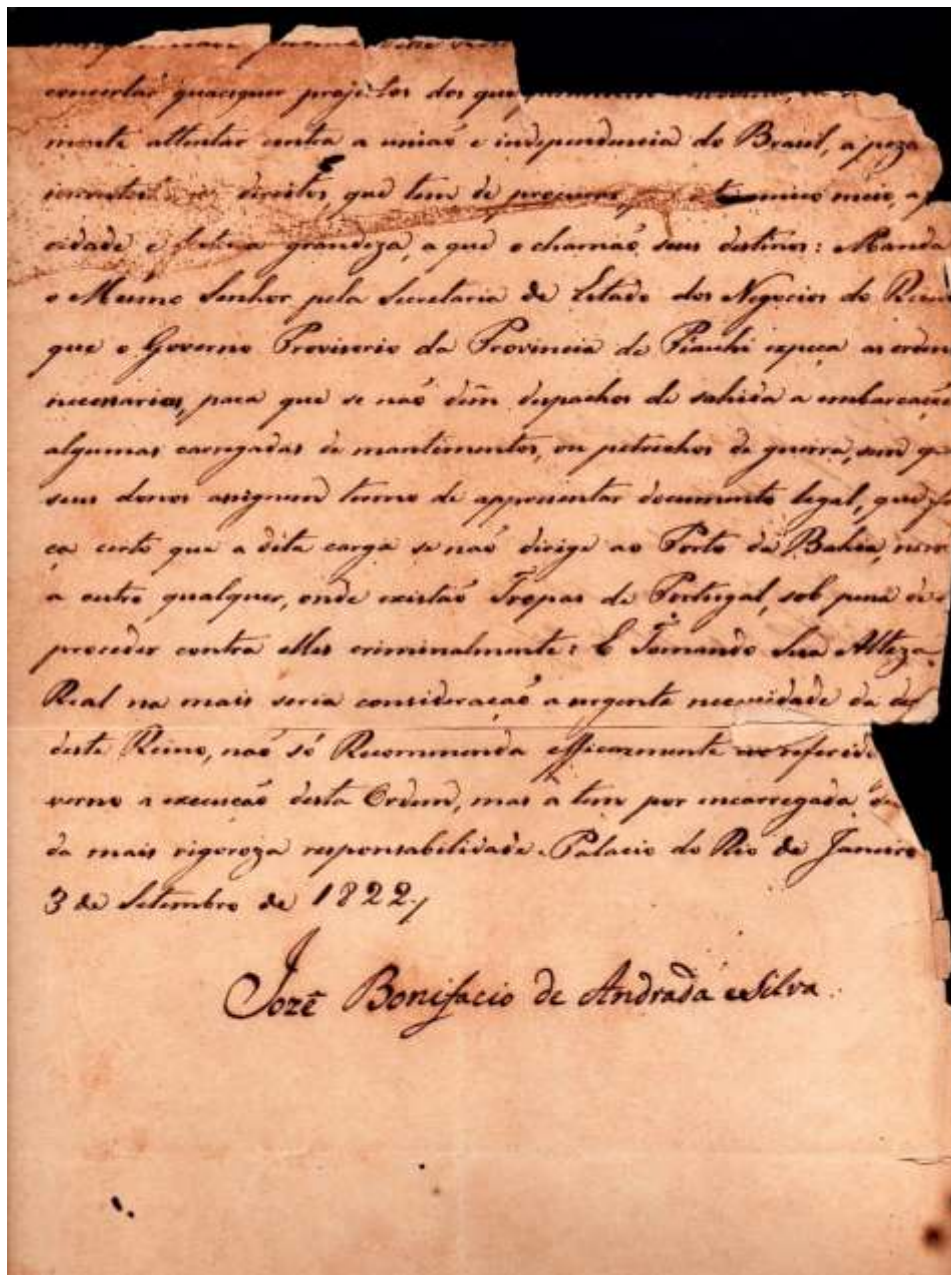


O Príncipe Regente

Esse documento demonstra que Dom Pedro I não desejava a separação.

Diversas províncias brasileiras também pensavam desta forma, principalmente aquelas onde os portugueses predominavam. O caso mais famoso foi o da Bahia, onde o General Madeira de Melo travou batalhas contra brasileiros. Esses confrontos persistiram até o dia 2 de julho de 1823 com a retirada da frota portuguesa comandada por Madeira de Melo.

Para responder à segunda questão, apresento a seguinte circular assinada por José Bonifácio:



conceder a quaisquer projectos dos que, porventura, se apresentarem, e
mente attentas contra a união e independência do Brasil, a proza
sinceramente, e de modo que não se possa...
cidade e de sua grandezza, a qual e chamae seus destinos: A Bandeira
e o Hino de Senhor pela Secretaria de Estado dos Negocios de Relações
que e Governo Provisorio da Provincia do Piauí expuz as ordens
necessarias para que se não dêem supranhos de sublevar a embarcação
algunhas carregadas de mantimentos, ou petrechos de guerra, nem que
seus deves assignem termo de appresentar documento legal, que pro
co, certo que a dita carga se não dirige ao Porto da Bahia, nem
a outro qualquer, onde existas Tropas de Portugal, sob pena de
proceder contra elles criminalmente: E Juramos Sua Magestade
Real na mais sobera consideração a urgente necessidade da def
esta Reino, nos se Recommenda efformante no referido
verso a execução desta Ordem, mas a tem por encargada a
da mais vigorosa representabilidade. Palácio do Rio de Janeiro
3 de Setembro de 1822.

Joze Bonifacio de Andrada e Silva

Quando e por quem a Independência foi definida?
BANDO ENVIADO PARA A PROVÍNCIA DO PIAUÍ, ASSINADO POR
JOZÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA

Documento assinado no dia 3 de setembro de 1822 por Jozê Bonifácio de Andrada e Silva e enviado para a Província do Piauí, sobre as restrições que deveriam ser tomadas no envio de mantimentos ou petrechos de guerra para o porto da Bahia. Essa circular foi enviada a diversas províncias, pois a Independência já havia sido decidida no dia anterior.

O QUE É BANDO? Trata-se de um documento diplomático descendente e que deve ser cumprido.

Qual o porquê de impedir, antes da proclamação “Oficial” do dia 7 de setembro, o envio de mantimentos e petrechos de guerra? A independência já havia sido declarada e assinada pelo (a) vice no Rio de Janeiro. Como Dom Pedro I estava viajando nesse período, os ministros e a Imperatriz Leopoldina decidiram que seria importante enviar uma mensagem ao Imperador para proclamar o que já havia sido decidido.

A filatelia, em diversos casos, torna-se ferramenta básica para revelar fatos e eventos que são omissos nos relatos educacionais convencionais.

brazil stamps

Selos - Envelopes - Material filatélico
Classificadores, álbuns importados com
melhores preços

www.brazilstamps.com.br

+55 85 9 9813 5016

www.brazilstamps.com.br
contactbrazilstamps@gmail.com

ifsda
int. federation of stamp
dealers' associations

A.B.C.F.
Sociedade Brasileira de Filatelia
Associação Brasileira de Filatelistas

QR code

A Vitória de Samotrácia na Numismática

Márcio Rovere Sandoval - Montreal, Canadá (*)



Figura 1 – Detalhe da proa do anverso da cédula de 5000 Dracmas da Grécia, de 1942 (P.119x), retratando a *Vitória de Samotrácia* (220-185 a.C.)

No entanto, foram encontrados diversos fragmentos, cuidadosamente recolhidos e que permitiram a *Champoiseau* sugerir tratar-se de uma representação da deusa mensageira da vitória, *Niké*. O material foi enviado ao Museu do Louvre, em Paris, aonde chegou um ano depois, em 11 de maio de 1864. Em 1866, após um trabalho minucioso de restauração, somente o bloco principal do corpo foi exposto. *Champoiseau* havia encontrado, juntamente com a estátua, os restos de uma pequena edificação composta de grandes blocos de mármore cinza, que ele deixou lá, pensando tratar-se de um túmulo.

Em 1875, um arquiteto da missão arqueológica austríaca, examinou aqueles blocos e chegou à conclusão de que, montados corretamente, formariam a proa de um navio, que servia de base para a estátua. Ele ainda fez a comparação com moedas gregas datadas do reino de Demétrio I da Macedônia (336-283 a.C.)⁴, em que figura uma Vitória, em pé, sobre a proa de um navio.

A Vitória de Samotrácia é uma estátua feminina alada, representando a deusa mensageira da vitória, *Niké*. É parte constante de um monumento votivo com base em forma de proa de navio. A estátua foi esculpida em mármore de *Paros*¹ branco, medindo 2,75 metros de altura com suas asas. A altura total do monumento (estátua mais a proa do navio) mede 5,57 metros.

A Ilha de Samotrácia está localizada no Mar Egeu, ao largo da costa da Trácia, nordeste da Grécia. Ela é dominada por uma alta montanha que se ergue do mar. Ao pé dessa montanha, havia um antigo santuário dedicado aos Grandes Deuses, ou deuses Cabiros².

Em março de 1863, *Charles Champoiseau*, Vice-Cônsul da França em Adrianópolis³ e arqueólogo amador, começou a explorar aquele santuário, já em ruínas, com a pretensão de encontrar belos objetos para o Museu Imperial de Paris.

Em 15 de abril de 1863, os trabalhadores que exploravam a extremidade do terraço que dominava o santuário, descobriram diferentes partes de uma grande estátua feminina. As pesquisas continuaram para encontrar a cabeça e os braços, mas em vão.

¹ Ilha grega do Mar Egeu.

² Divindades misteriosas adoradas em diversos locais da Grécia antiga e, sobretudo, nas Ilhas de Samotrácia e de Imbros (atual Gökçeaba – Turquia).

³ Hoje *Edirne*, na Turquia. Nessa época, a Ilha de Samotrácia encontrava-se sob dominação do Império Otomano. Ela foi incorporada à Grécia, em 1912.

⁴ Foi General de Alexandre o Grande e depois Rei da Macedônia (306-287 a.C.).



Figura 2 – Tetradracma de prata (17,15 g; 27 mm), cunhado em *Salamina de Chipre*, em torno de 300-295 a.C. por *Demétrio Poliórctes*⁵, rei da Macedônia (306-283 a.C.). No anverso temos, sobre a proa de um navio de guerra vencido, uma Vitória alada portando uma trombeta na mão direita e, na esquerda, a parte superior do mastro do navio. No reverso: Posêidon, em pé, porta um tridente no braço direito e, no esquerdo, um manto. À direita, no exergo, legenda grega (*DEMETRIOY BASILEÏS*). Ainda, no campo, monograma e estrela com dezesseis pontas. Essa moeda é anterior ao reinado macedônio de Demétrio, que começou em 294. Ela comemora a vitória do filho de Antígono, companheiro de Alexandre, sobre Ptolomeu, em *Salamina de Chipre*, em 306 a.C. É um navio de guerra vencido, eis que o ornamento da proa, que pode ser visto logo abaixo da trombeta, encontra-se seccionado. (BNF - Biblioteca Nacional da França, Moedas, medalhas e antiguidades, 1973/1.73).

Em 1879, *Champoiseau*, informado sobre a descoberta, empenhou-se em enviar os blocos da proa a Paris. A remontagem foi realizada no pátio do Museu do Louvre. Em seguida, foi feita a reconstrução completa da obra. Apenas a cabeça, os braços e os pés não foram reconstituídos. A restauração foi concluída em 1884. O monumento foi colocado, então, em frente ao eixo da escada *Daru*, que havia acabado de ser concluída, produzindo um efeito espetacular.



Figuras 3 e 4 – À esquerda, temos a maquete representando a Vitória de Samotrácia, realizada por *Beandorfe Hauser* em 1880, em grande parte baseada no Tetradracma de Demétrio (Figura 2).

⁵Aquele que “sitiava as cidades”.

À direita, temos o desenho realizado por *M. Hamiaux e V. Foret*, em 2012, com base em novas informações, como a da mão direita da estátua, encontrada em 1950 e que, pela posição dos dedos⁶, demonstra que ela estava acenando e não portando uma trombeta. Fonte: verbete em francês da Wikipédia “*Victoire de Samothrace*”.

A representação da Vitória de Samotrácia na Numismática moderna

Em 1937, a Espanha, em plena guerra civil (1936-1939), emitiu uma cédula no valor de 1 Peseta (P.94), tendo no anverso a imagem da Vitória de Samotrácia. Ao que tudo indica, trata-se de uma emissão da Segunda República Espanhola, ou seja, anterior ao regime franquista.



Figura 5 – Anverso da cédula de 1 Peseta (P.94a) da Espanha, impressa pela “*Fábrica Nacional de Moneda y Timbre*”, emitida em 1937. À esquerda, temos a Vitória de Samotrácia. Dimensões: 92 mm X 52 mm.

Em setembro de 1939, durante a 2ª Guerra Mundial, a estátua deixou o Museu do Louvre, juntamente com diversas outras obras, para ser colocada em “segurança” no *Castelo de Valençay*, no Departamento de Indre, que durante a ocupação ficou na “zona livre”. Como veremos, não tão livre assim.



Figura 6 – Vitória de Samotrácia, em setembro de 1939, sendo retirada do Museu do Louvre. Fonte: Instalattor.

⁶ Dois dedos encontrados pelos austríacos em 1875, que estavam conservados em Viena.



Figura 7 – Foto do portão de entrada do *Castelo de Valençay*, durante a 2ª Guerra Mundial. Placa com a menção “*Requisitionné par les Musées Nationaux*”, ou seja, requisitado pelos Museus Nacionais. Não havia nenhum segredo que naquele local estavam abrigadas as coleções dos museus franceses. Fonte: *Château de Valençay – Du Louvre à Valençay, 1939-1946 – Exposition du 19 mai au 11 novembre 2021* (<https://www.chateau-valencay.fr/>)

Em 1941, a Grécia, sob ocupação das forças do Eixo (1941-44), emitiu duas cédulas que traziam a Vitória de Samotrácia, a cédula de 50 Lepta de 1941 (P.316) e a de 5.000 Dracmas de 1942 (P.119). Em novembro de 1944, foi lançada a cédula de 50 Dracmas (P.169), já com o país liberado, que também traz a imagem da Vitória de Samotrácia.



Figura 8 – Anverso da cédula de 50 Lepta (P.316) da Grécia, impressa pela “*Aspiotis-Elka*” e emitida em 1941. Dimensões: 68 mm X 33 mm. À esquerda, Vitória de Samotrácia. É uma das menores cédulas de banco já emitidas. É bifacial, ou seja, foi impressa nas duas faces, possui numeração e assinatura e, ainda, o nome do impressor na margem.



Figura 9 – Anverso da cédula de 5.000 Dracmas (P.119a), da Grécia, emitida em 1942. Dimensões: 165 mm X 82 mm. No centro, Vitória de Samotrácia. O que mais impressiona nas cédulas gregas é a complexidade dos desenhos, mesmo em períodos de guerra e dificuldades econômicas.



Figura 10 – Anverso da cédula de 50 Dracmas (P.169a), da Grécia, emitida em 1944, após a libertação. À esquerda, Vitória de Samotrácia. No reverso, temos uma fênix, símbolo do renascimento. Dimensões: 115 mm X 69 mm.

Em 1945, a Vitória de Samotrácia retornou ao Museu do Louvre e foi recolocada no seu local tradicional, de onde saiu apenas em 2013, para restauração (a quarta da sua história), concluída, com sucesso, em 2014.



Figura 11 – Moeda de 100 francos de 1993 (KM # 1019a), AU, 17,00g; 31 mm. Série do Bicentenário do Museu do Louvre. 5.000 exemplares. No anverso, Vitória de Samotrácia.



Figura 12 – Vitória de Samotrácia no Museu do Louvre, após a restauração, em 2014. Pode-se verificar a falta dos ornamentos da proa e do *rostro* (ou *ariete*), um prolongamento da proa utilizado para esmagar o casco dos navios inimigos, que não foi encontrado.

A Vitória de Samotrácia durante a 2ª Guerra Mundial



Figura 13 – Prova do anverso da cédula de 50 Dracmas de 1944 (P.169x), da Grécia, retratando a Vitória de Samotrácia. Dimensões: 115 mm X 69 mm.

Como mencionado, durante a 2ª Guerra Mundial, o Castelo de *Valençay* tornou-se um dos principais depósitos de obras do Museu do Louvre. Entre elas podemos citar a estátua antiga, notadamente a *Vitória de Samotrácia* e a *Vênus de Milo*. Elas escaparam por pouco da destruição, em 16 de agosto de 1944, quando a 2ª Divisão SS Das Reich, atacou a cidade de *Valençay*, em represália à morte de dois soldados alemães, causada por membros da resistência. O Duque de *Talleyrand*, prevalecendo-se do título alemão de Príncipe de Sagan, e, sobretudo, *Gérald Van der Kemp*, futuro Conservador de *Versailles*, negociaram com os alemães, a fim de que eles poupassem o *Castelo de Valençay* e suas obras artísticas insubstituíveis. O episódio é relatado pelo próprio *Gérald Van der Kemp*, vejamos:

*“Logo que cheguei à zona livre foi-me confiado o depósito de Valençay, ou seja, a responsabilidade dos tesouros armazenados nas caves do palácio, propriedade do Duque de Talleyrand, que ali habitava (...). Estava ali a Vitória de Samotrácia, a Vênus de Milo, os Escravos de Michelangelo, todo o Museu Camondo, os Museus Cognacq-Jay, Guimet, de Arte Moderna, de Fontainebleau; mais as coleções Rothschild, David-Weil e outras da mesma importância, levados para lá em caminhões aos cuidados dos museus nacionais. De 1940 a 1944 vivi em Valençay. Assisti às conversações entre o Duque de Talleyrand e o Conde von Metternich, que tinha sido nomeado diretor alemão para a proteção das obras de arte (...) O duque também era Príncipe de Sagan, título alemão. Tinha pensado em vender as suas terras com o título ao Marechal Göring. Este estava muito tentado a tornar-se Príncipe de Sagan, "devolvendo assim à Alemanha" um título caído nas mãos dos estrangeiros (...). O duque faleceu no seu leito tranquilamente. Em França, não se toca jamais nos duques" (in, Vilallonga, José Luis de. **Gold Ghota**. Paris: Le livre de Poche, 1972, p.309).*

E continua:

“Os alemães decidiram fuzilar no local o Sr. Conservador, que neste caso era eu, e encontrei-me encostado ao muro, em frente a um pelotão pronto para atirar. Durante este tempo, alguém já havia posto fogo ao palácio. Eu era o único que sabia onde se encontravam os dutos de água (...) falei-lhes em algumas palavras das coleções (...). Tempo perdido. Então, exasperado, comecei a gritar: “Se Valençay arder, vocês serão fuzilados em vinte e quatro horas, assim que alguém for anunciar ao Marechal Göring o desaparecimento nas chamas de todos os tesouros de arte francesa: o oficial e o intérprete empalideceram. Fui imediatamente libertado. Com os habitantes de Valençay reunidos em grande número, consegui controlar o incêndio. Os soldados já haviam posto granadas sob os móveis do salão onde eu tinha mandado guardar o Museu Guimet. O resgate durou quarenta e oito horas. Em janeiro de 1945 deixei Valençay depois de despedidas muito frias feitas ao Duque – e instalei-me no Castelo de Montal onde se encontravam armazenadas todas as caixas do Louvre” (op.cit. p.311 e 312)

Em Valençay, nesse ataque, quarenta imóveis foram incendiados e oito pessoas foram assassinadas.



Figura 14 – Cartão Postal colorizado do Castelo de Valençay s/d (cerca de 1910-20), circulado nos anos 30.

Não tivemos acesso ao livro *Gold Ghota* de Vilallonga, por isso fizemos adaptações e correções no texto da Wikipédia, em português (verbete Castelo de Valençay), onde encontramos a transcrição do texto de Vilallonga. O verbete em francês da Wikipédia menciona o acontecimento, mas não transcreve o texto, o que não nos permitiu uma nova tradução.

O autor do livro *Gold Ghota* era romancista, daí nos veio a questão: **Esse episódio teria sido verídico?**

A resposta é **SIM**. Talvez um pouco romanceada, na fala de *Gérald Van der Kemp*.

Encontramos, na publicação oficial do Castelo de Valençay (*Les Cahiers de Valençay*), um texto de *Manon Beulay* sobre o depósito das obras de arte durante a 2ª Guerra Mundial e a sua quase destruição.

A autora traz diversas informações sobre o armazenamento das obras no Castelo e, inclusive, sobre a incursão dos alemães. Ou seja, o fato é verídico.

Ela transcreve uma carta do *Sr. André Beau* (que era filho de um dos funcionários do Duque) mencionando o ocorrido em 16 de agosto de 1944. Segundo o seu relato, o *Sr. Van der Kemp* e o *Duque de Valençay* conseguiram convencer os alemães, insistindo sobre a vergonha que iria pairar sobre a Alemanha no caso de se queimar o Castelo.

Outros detalhes interessantes, como haver mencionado o nome do *Marechal Göring*, não pudemos confirmar. Mas é fato conhecido que ele gostava de arte mais do que de pessoas.



Figura 15 – A Vitória de Samotrácia nas diversas cédulas em que aparece.

Bibliografia:

BEULAY, Manon. L'exil des chefs-d'oeuvre du Louvre. Les Cahiers de Valençay, Juin 2019.

SOULATA, Paul Piquemal. "La protection du patrimoine en temps de guerre: le dépôt du château de Valençay (1939-1946)," in Les Éditions Universitaires d'Avignon : carnet de recherche, 14 décembre 2021, <https://eua.hypotheses.org/5986>.

- Standard Catalog of World Paper Money, 1368-1960. Albert Pick - Edited by Tracy L. Schmidt. Iola/USA: Krause Publications, 16 th edition, 2016.

- Standard Catalog of World Coins, 1901-2000. Edited by George S. Cuhaj. Iola/USA: Krause Publications, 40 th edition, 2012.

Web

- CoinsArchives.com – 29/3/2016 <https://www.coinarchives.com/>

- Bibliothèque nationale de France – <https://gallica.bnf.fr/>

- La Mer – Expositions BNF - <http://expositions.bnf.fr/lamer/grand/502.htm>

- La Victoire de Samothrace/HELICON - <https://almaleonor.wordpress.com/2013/08/30/la-victoria-de-samotracia/>

- La Victoire de Samothrace à la loupe– Musée du Louvre - <https://focus.louvre.fr/>

- La Victoire de Samothrace – essai Musée du Louvre Paris - <https://www.louvre.fr/decouvrir/le-palais/un-escalier-pour-la-victoire>

- Wikipédia / Démétrios Ier Poliorcète 30/3/2016 - https://fr.wikipedia.org/wiki/D%C3%A9m%C3%A9trios_Ier_Poliorc%C3%A8te

- Wikipédia – verbete em português “Castelo de Valençay” e verbete em francês “Château de Valençay”. 26-02-2017.

Quadro Geral das emissões constante nesta matéria

Salamina de Chipre	Tetradracma de prata	300-295 a.C	17,15 g; 27 mm
Espanha	1 peseta (P.94)	1937	92 mm X 52 mm
Grécia	50 lepta (P.316)	18.06.1941	68 mm X 33 mm
Grécia	5.000 dracmas (P.119 a, b e s) a. Papel sem marca d'água. b. Com marca d'água (mesmo papel usado nos bônus do Tesouro (P.136-144) s. Specimen x. Provas de impressão diversas não catalogadas pelo WPM	20.06.1942	165 mm X 82 mm
Grécia	50 dracmas (P.169 a e s) a. Cédula de circulação. s. Specimen x. Provas de impressão diversas não catalogadas pelo WPM	9.11.1944	115 mm X 69 mm
França	100 francos KM # 1019a (Prova)	1993 (5.000 exemplares)	17,00 g; 31 mm

Redução da tarifa postal por Getúlio Vargas em 1930: populismo ou visão estratégica?

João Paulo Silveira - Curitiba, PR

Em 30 de novembro de 1927, por meio da Lei 5.353, Washington Luís, Presidente da República, com a participação do então Ministro da Fazenda, Getúlio Vargas, estabeleceu a tarifa postal de primeiro porte (20 gramas) em 300 réis para envio nacional e países signatários da Convenção Postal Pan Americana, sendo 200 réis para cada porte seguinte ao primeiro. Já para envio universal, o valor a ser cobrado era de 500 réis para primeiro porte e 300 réis para os seguintes.



Carta de Porto Alegre (28/12/1930) para Curitiba (02/01/1931), com porte correto de 300 réis para envio nacional, em concordância com a Lei 5.353/1927.



Carta do Rio de Janeiro (13/07/1929) para Londres, com porte correto de 500 réis para envio universal, em concordância com a Lei 5.353/1927.

Aproximadamente três anos depois, em 23 de janeiro de 1931, o mesmo Getúlio Vargas, agora como Presidente da República, editou o Decreto 19.621, diminuindo a tarifa postal de primeiro porte de 300 para 200 réis, tanto para envio nacional como para países signatários da Convenção Postal Pan Americana, mantendo 200 réis para cada porte seguinte ao primeiro. Para envio universal, o valor também caiu, de 500 para 400 réis, bem como o valor para os portes seguintes, de 300 para 200 réis.

Esse fato teve ampla repercussão na imprensa da época:



Fonte: *Jornal do Brasil*, edição de 25/01/1931, disponível para consulta na biblioteca digital da Fundação Biblioteca Nacional (BNDigital).



Carta do Rio de Janeiro (24/01/1931) para Rio Grande (26/01/1931), por avião. Circulada um dia após a publicação do Decreto 19.621/1931. Entretanto, o porte cobrado ainda foi o de 300 réis, a despeito da alteração para 200 réis. Em pesquisa a jornais da época, verificou-se uma nota reclamando justamente da cobrança errônea por uma agência dos Correios:

O Correio de Copacabana desconhece as novas taxas postaes

Reclamam os moradores de Copacabana contra o facto da agencia do Correio de Copacabana estar cobrando taxas antigas, allegando os funcionarios não haver recebido communicação alguma da administração, a respeito.

Fonte: jornal A Noite, edição de 02/02/1931, disponível para consulta na biblioteca digital da Fundação Biblioteca Nacional (BNDigital).



Carta de Joinville (23/08/1933) para Curitiba (24/08), com porte correto de 200 réis para envio nacional, em concordância com o Decreto 19.621/1931. Note que o selo de 300 réis recebeu uma nova impressão, diminuindo seu valor facial para 200 réis. Foi a forma que os Correios utilizaram para reaproveitar o material já produzido, face à mudança da tarifa de primeiro porte.



Carta de Curitiba (17/11/1933) para o Rio de Janeiro (20/11), com porte correto de 200 réis para envio nacional, em concordância com o Decreto 19.621/1931. Possui ainda um selo adicional de 100 réis, porém era uma sobretaxa de uso obrigatório, criada para subsidiar o desenvolvimento da aviação, conforme Decreto 22.620/1933. Note que o envelope é timbrado do “Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio”, criado justamente por Getúlio Vargas em novembro de 1930, mesma época em que as tarifas foram reduzidas.

Os motivos para a redução das tarifas postais foram expostos no próprio Decreto:

Decreto nº 19.621, de 23 de Janeiro de 1931

Aprova os novos quadros para cobrança de taxas de correspondência postal.

O Chefe do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil:

Considerando que é excessiva a tarifa postal em vigor, tornando-se, por isso, pouco acessíveis as taxas cobradas;

Considerando que esse excesso de tarifa determina o contrabando postal, com grande prejuízo para as rendas do Correio;

Considerando que a redução das taxas será compensada pelo aumento da correspondência postal; e

Considerando que cumpre ao Governo animar o comércio e a indústria pela facilidade das comunicações,

Fonte: Portal da Câmara dos Deputados

O Governo considerava que as tarifas estavam altas, o que tornava pouco acessível o serviço e favorecia o contrabando. A expectativa era de que, com a redução das tarifas, o volume total de correspondências aumentaria, com repercussão positiva na economia.

Essa redução nas tarifas pode suscitar debates acerca das intenções por trás da decisão de Vargas: será que, de fato, tratou-se de uma estratégia econômica, visando impulsionar o país ou foi uma medida populista com potenciais prejuízos ao Brasil, inclusive para os próprios Correios?

A resposta, por óbvio, não é simples. Mas alguns elementos podem ajudar na procura dessa resposta, a começar pela saúde financeira da empresa.

Em análise do Relatório do Ministério da Viação e Obras Públicas relativo ao ano de 1927, apresentado ao Presidente da República Washington Luís, verifica-se que o Correios operava com prejuízo há anos:

Não obstante as economias feitas e haver a renda apresentado um aumento de 2.406:071\$294, em relação ao exercício de 1926, o *deficit* aparente não decresceu, tendo, pelo contrario, se elevado a 7.945:869\$274, quando em 1926 attingiu apenas a 6.160:911\$355.

A contar de 1920, foram estes os *deficits* verificados:

1920.....	14.481:579\$345
1921.....	13.463:590\$228
1922.....	12.473:904\$722
1923.....	9.629:163\$250
1924.....	8.906:871\$041
1925.....	7.693:841\$229
1926.....	6.034:893\$729
1927.....	7.945:869\$274

Fonte: Relatório do Ministério da Viação e Obras Públicas relativo ao ano de 1927, disponível para consulta na biblioteca digital da Fundação Biblioteca Nacional (BNDigital).

Tanto é que, ciente desse fato, ao final de 1927, o Governo aumentou as tarifas postais, como exposto no início do artigo.

Entretanto, notícias coletadas em jornais da época evidenciam que esse aumento não foi bem recebido pela população, fato agravado pelas recorrentes queixas em relação à própria qualidade dos serviços:

CORREIO DA MANHÃ — Terça-feira, 15 de Abril de 1930

Com os Correios

Continuam a ocorrer, com certa frequência, os casos de extravio de registrados, nos Correios. A imprensa tem noticiado, mesmo, alguns destes factos com indicações positivas, citando os nomes dos destinatarios e mencionando os numeros dos registrados. Não consta, entretanto, que a direcção dos Correios se tenha mexido, pelo menos, até agora, tomando as providencias requeridas pela situação.

Toda gente se lembra de que quando o governo augmentou, nas proporções exageradas em que o fez, as taxas postaes, justificava a sua extorsão, declarando que os serviços iam melhorar consideravelmente. O publico está vendo, em ultima analyse, qual foi o resultado. O preço das cartas dobrou, mas os serviços, em vez de melhorarem, como o governo annunciava, estão cada vez peorando mais. E a administração dos Correios não desce da sua importancia para agir com a energia que ella deveria ter, se quizesse bem cumprir os seus deveres.

CORREIO DA MANHÃ — Quarta-feira, 18 de Junho de 1930

Os serviços postaes

Acreditavam os mais ingenuos que, com os successivos augmentos das tarifas postaes, o serviço melhorasse, senão de modo sensível, pelo menos soffrivelmente. Essa convicção resultava do facto de se declarar, invariavelmente, quando havia majoração de taxas postaes, que o pessoal era deficiente, as installações lacunosas e dahi as falhas do trabalho. O que se tem apurado, infelizmente, é o inverso: tudo peorou com a nova exigencia feita ao bolso do povo.

Se fossemos registrar todas as reclamações e queixas recebidas, contra o atrazo e extravio de correspondencia, não as accomodariamos em algumas columnas deste jornal. Ha casos, porém, que merecem nota especial, porque bastariam, sem mais outros, para patentear a desidia que vai pelo departamento postal. Pessoa residente em Nictheroy, cansada de esperar resposta de varias cartas, inclusive registradas, mandadas a um parente na Bahia, remetteu uma com recibo de volta, sob n. 10035. Essas cartas pagam um porte excepcional.

Pelo regulamento dos Correios, não sendo encontrado o destinatario, a carta será devolvida, com a declaração de se ter aquelle mudado ou de não haver sido encontrado. Decorreram quasi dois mezes e meio e a repartição dos Correios não sabe explicar ao remetente se a carta foi recebida na Bahia. Mas, casos como o que expomos são innumerados...

Fonte: jornal Correio da Manhã, edições de 15/04 e 18/06/1930, disponível para consulta na biblioteca digital da Fundação Biblioteca Nacional (BNDigital).

Nesse contexto, a posterior redução das tarifas acabou sendo motivo de elogios na imprensa:

DIARIO DE NOTICIAS

REDUCCÃO DAS TAXAS POSTAES

O Governo Provisorio fez hontem um acto de intelligencia decretando a reduccão das taxas postaes, de accordo com os novos quadros organizados para esse fim.

Os serviços destinados ao publico, quando exigem grande pessoal e numerosas repartições, são, em geral, deficitarios.

Neste paiz, os Correios sempre estiveram aquem da expectativa popular. De longe em longe, de baixo de uma direcção que procure afastar-se da politica e observar devotadamente as leis e regulamentos, os Correios diminuem, apenas, a prevenção, que já se tornou systematica, a seu respeito. Persistem, entretanto, as falhas, inherentes á sua propria complexidade, sendo os jornaes e revistas os principaes reclamantes. O extravio de publicações e correspondencias reflecte, quasi sempre, a deficiencia de pessoal, que é mal remunerado, sobretudo nos postos subalternos, e victima das injustiças que attingem o nosso funcionalismo publico.

Os governos passados, quando lançavam as vistas para o serviço postal, ao invés de se preoccuparem com os meios de tornal-o expedito e normalizado, procuravam tornal-o antes uma fonte de renda, relegando a um segundo plano o principio do interesse publico.

E, para que a renda augmentasse, não apparecia outro remedio que não fosse a majoração das tarifas respectivas.

O Governo Provisorio tem demonstrado melhor comprehensão das nossas necessidades postaes, dentro do objectivo de realizar a possivel economia. A suppressão de varias agencias, nesta capital e nos Estados, foi resolvida e está se executando sem prejuizo para o publico. Agora, rematando essa orientação pratica, o sr. Getulio Vargas attende a uma justa aspiração da collectividade, decretando a diminuição das taxas.

O acto do Governo Provisorio reconhece que o excesso das tarifas determina o contrabando, com grande prejuizo para as rendas do Correio, acreditando que a reduccão das taxas seja compensada pelo augmento de correspondencia. O intuito de animar o commercio e a industria, manifestado pelo decreto, merece registro, especialmente, porque são raras, em o nosso paiz, as iniciativas officiaes tomadas com o pensamento de suavisar os encargos do contribuinte.

JORNAL DO BRASIL

TAXAS POSTAES E TAXAS TELEGRAPHICAS

O governo reduziu as taxas postaes e vai reduzir egualmente as taxas telegraphicas.

É uma medida acertada, reveladora da exacta comprehensão sobre a finalidade de taes repartições cujos serviços não devem constituir primariamente, fonte de renda, mas, sim, meio rapido e seguro de communicações e, tanto quanto possivel, baratos.

Basta exigir que ellas arrecadem o necessario para fazer face ás despezas que acarretam. Os saldos desde que existam, devem ser applicados na melhoria dos serviços, quer na sua parte material quer quanto á remuneração do funcionalismo de modo que um e outro possam desempenhar com efficiencia a tarefa que lhes incumbe.

Collocados os correios e os telegraphos em condições de bem servirem ao publico, sufficientemente pagos os funcionarios, as vendas fatalmente augmentarão e ahí sim, será possivel á administração cogitar de saldos, uma vez que se assentou que os títulos de benemerencia dos que administram os devem ter como base, embora com sacrificio evidente do interesse publico representado na organização se não modelar, pelo menos regularmente apanhada do mecanismo burocratico.

A elevação das taxas — foi o que se verificou — determinando acrescimo das rendas, não trouxe nenhum beneficio ás repartições que se aproveitaram da majoração os serviços continuaram com as mesmas falhas, a mesma morosidade, suscitando continuas reclamações.

E tanto é essa verdade que o proprio governo fulgou de justicia reduções.

Que essa medida se complete com uma organização em molde mais aperfeçoada das duas repartições e na qual se coeite tambem a situação dos funcionarios notadamente os postaes que, em materia de vencimentos,

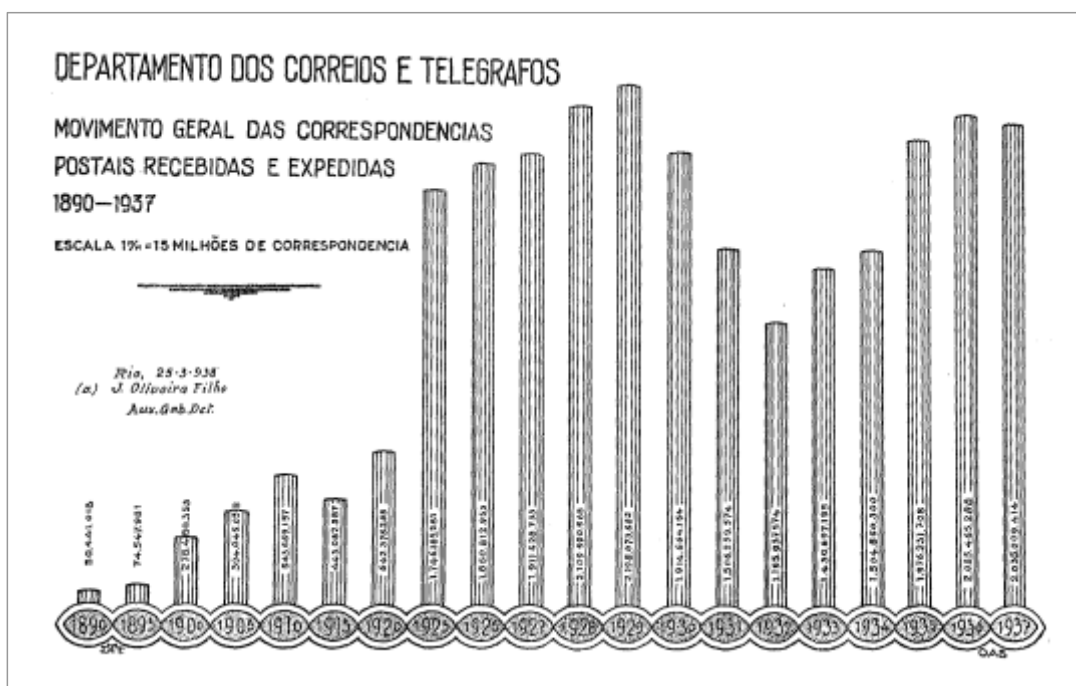
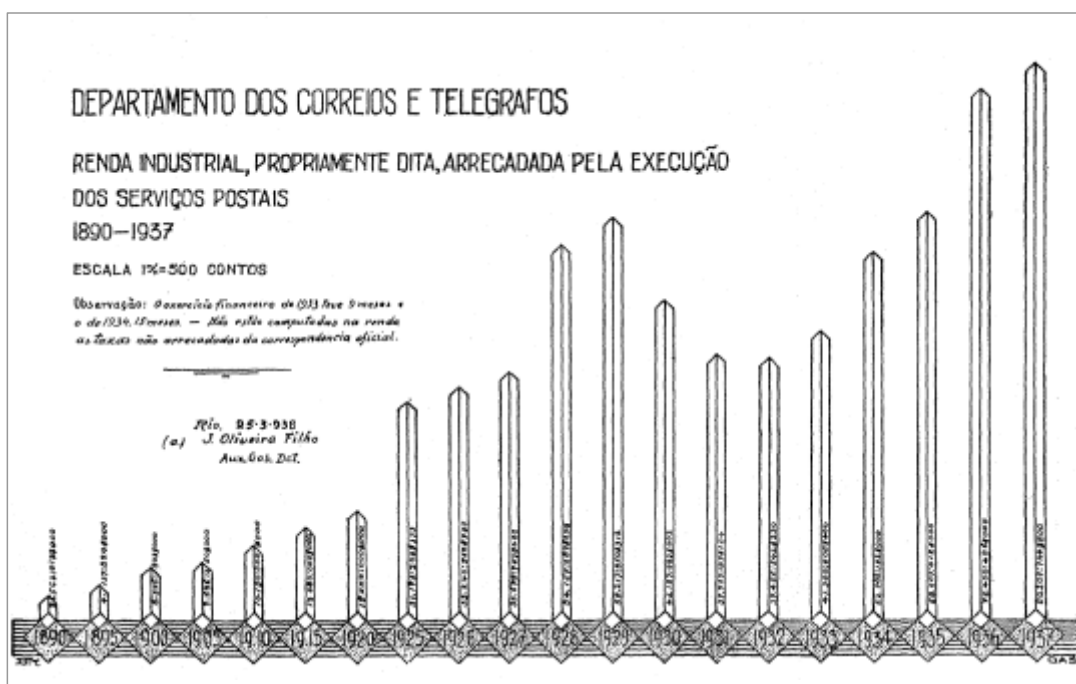
não são dos mais bem aquinhoados.

A época, tem o sabemos, é de aperturas de economia rigorosa.

Mas dentro das rubricas organimentarias é possivel a reparação de certas injustiças. E isso já é alguma coisa.

Fonte: jornal Diário de Notícias, edição de 25/01/1931 e Jornal do Brasil, de 30/01/1931, disponíveis para consulta na biblioteca digital da Fundação Biblioteca Nacional (BNDigital).

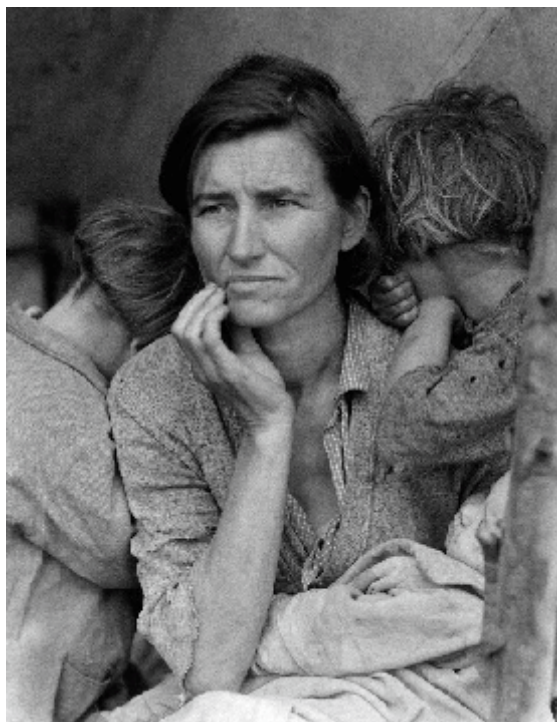
Registra-se que, apesar do pretendido pelo Governo, não houve um aumento significativo da arrecadação após a redução das tarifas, tendo inclusive o volume de correspondências diminuído:



Fonte: Subsídios históricos e estatísticos de Correios e Telégrafos – notas coligadas e ordenadas, por Flávio Pereira e J. Oliveira Filho, 1938.

Porém, o olhar não pode se limitar ao ambiente interno. A nível mundial, em torno de um ano antes da redução das tarifas, houve a quebra da Bolsa de Nova Iorque, estopim para a Crise de 1929, também conhecida como Grande Depressão, uma forte crise econômica com graves consequências em, praticamente, todo o mundo.

Nos Estados Unidos, que já eram a principal economia no mundo, dezenas de milhares de empresas foram à falência, inclusive diversos bancos, tendo as importações caído 70% e as exportações 50%, o que elevou o desemprego a 27% (antes da crise era 4% em média).



O retrato mostra Florence Thompson com três de seus filhos, em uma fotografia conhecida como "Mãe Migrante", que se tornou um ícone da Grande Depressão. Em 2003, a revista Life a elegeu como uma das 100 fotos que mudaram o mundo. Em 1998, foi utilizada num selo de 32 centavos dos Estados Unidos. Fonte: Wikipédia.

A Grande Depressão também impactou fortemente o Brasil, que à época era responsável por 70% de todo o café comercializado no mundo. O principal comprador dessa mercadoria era justamente os Estados Unidos, que reduziram drasticamente a compra. Com o café brasileiro estagnado, o valor da mercadoria no mercado internacional caiu significativamente e o impacto sobre a economia foi duríssimo.



Carta circulada do Rio de Janeiro para Curitiba, datada de 27/09/1929, um mês antes da quebra da Bolsa de Nova Iorque, com carimbo mecânico de propaganda divulgando o café, principal produto brasileiro da época. Porte correto de 300 réis para envio nacional, conforme Lei 5.353/1927, antes da diminuição da tarifa para 200 réis.

Esse contexto de crise levou Getúlio Vargas ao poder. Já havia uma crescente insatisfação com a chamada “política café com leite”, vigente no Brasil desde 1889, pela qual os Estados de São Paulo, o principal produtor de café, e Minas Gerais, com sua produção leiteira, se alternavam no poder presidencial.

A Grande Depressão abalou o poder econômico dessas oligarquias, o que abriu caminho para a chamada Revolução de 1930, ocorrida em outubro (exatamente um ano após a Crise de 1929). Ao fim, o presidente Washington Luís foi deposto e Getúlio Vargas, um dos protagonistas do movimento, assumiu o governo e logo tomou medidas para conter os impactos da crise, incluindo a redução das tarifas postais.



Carta do Brasil para a Alemanha, do Rio de Janeiro (11/07/1931) para Leipzig, franqueada com selo lançado para comemorar a Revolução de 1930, expondo imagem de Getúlio Vargas. Porte incorreto de 100 réis para envio universal (400 réis, se carta; 200 réis, se bilhete postal simples; 20 réis, se impresso, conforme Decreto 19.621/1931). Note que o texto do cartão oferece representação de café (importação/exportação), justamente o produto brasileiro mais afetado pela Crise de 1929. Fonte: coleção Roberto João Eissler.

Após essas informações, retoma-se a pergunta: será que, de fato, a redução adotada nas tarifas tratou-se de uma estratégia econômica, visando impulsionar o país, ou foi uma medida populista com potenciais prejuízos ao Brasil, inclusive para os próprios Correios? Ao que parece, a resposta tende a ser uma junção dessas opções. O Governo, chefiado por Getúlio Vargas, carecia de legitimidade (tanto é que foi denominado Governo Provisório) e as disputas políticas não acabaram com a Revolução de 1930 – na verdade, intensificaram-se, inclusive com a posterior eclosão da Revolução Constitucionalista de 1932.

Nesse contexto, Getúlio Vargas precisava de apoio popular e a redução das tarifas postais, um meio de comunicação amplamente utilizado, cumpriria esse objetivo, a despeito dos Correios operarem com significativo prejuízo. E, tão importante quanto, era necessário buscar soluções para a crise trazida pela Grande Depressão, tendo a redução das tarifas postais o potencial imediato de aliviar os gastos tanto da população como das empresas, em um ambiente social e econômico de extrema dificuldade.

E você, amigo filatelista, qual a sua opinião?

Obs.: todas as peças deste artigo pertencem à coleção do autor, salvo quando indicado.



Judea Capta

André Padilha - Rio de Janeiro, RJ

Nem toda “série comemorativa” de moedas terá uma verdadeira questão a ser comemorada. Mesmo que esta seja uma forma estranha de começar um artigo, é premissa base para entender que “comemorativa”, nesse contexto, é apenas um termo utilizado para explicar que determinada moeda ou conjunto de moedas foi ou foram cunhadas para fazer lembrar ao povo de determinada temática.

Na Numismática Clássica, a moeda precisa ser interpretada como meio de comunicação entre Estado e Povo. Dessa forma, o metal (ou valor da moeda) terá uma propaganda condizente com o grupo societário que utilizará essa peça, como o bronze aos pobres e o ouro aos ricos.

A série de moedas chamada Judea Capta é um conjunto numismático histórico de grande importância, emitida pelo Imperador romano Vespasiano, no ano de 69 d.C. Essas moedas retratam a conquista da província romana da Judeia durante a Primeira Guerra Judaico-Romana (também chamada de Primeira Revolta). De diversos tipos e variações, as moedas Judea Capta são um testemunho tangível da vitória de Roma sobre Jerusalém e um marco na história da numismática romana. Por se tratar de um tema de extrema complexidade e vasto conteúdo histórico, iremos abordar, em tópicos, assuntos relevantes neste estudo para que, após a leitura deste material, o leitor tenha informações suficientes para pesquisar e ampliar seus estudos.

O contexto histórico: Antes de abordarmos as moedas em si, é crucial entender o contexto em que foram cunhadas. A Primeira Guerra Judaico-Romana foi um conflito sangrento, que durou de 66 a 73 d.C., entre os judeus e as forças romanas. Vespasiano, general e futuro Imperador, liderou as tropas romanas na campanha contra Jerusalém, que resultou na destruição do Segundo Templo Judaico. A Primeira ação dos Judeus havia sido a derrota (e morte) de aproximadamente 6.000 soldados romanos, o que deu destaque para essa incursão e ainda mais significado à “devida vitória de Roma”;

O significado da conquista: A cunhagem das moedas Judea Capta foi uma forma de comemorar e propagandar a vitória romana sobre a Judeia. Essas moedas serviram como uma declaração política e simbólica do poder romano, reforçando a subjugação do povo judeu e sua terra. Ou seja, uma clara demonstração pública de que ninguém deveria se voltar contra o Império Romano;

O reverso das moedas: Uma característica marcante das moedas Judea Capta é o reverso, onde encontramos a representação da própria Judeia personificada como uma mulher sentada sob uma palmeira, um símbolo de derrota e submissão. A seu lado, há um troféu militar romano (montado principalmente por armas e armaduras dos derrotados), simbolizando a vitória das legiões de Vespasiano;

As variantes das moedas: A série Judea Capta apresenta diferentes tipos e variantes e grafias para o tema. Algumas moedas retratam a legenda "IVDAEA CAPTA" ou "IVDAEA DEVICTA", indicando a captura ou a derrota da Judeia, enquanto outras possuem imagens adicionais, como prisioneiros judeus acorrentados;

O retrato do imperador: No anverso das moedas, encontramos o retrato do Imperador Vespasiano. Essa característica era comum nas moedas romanas, destacando a figura do Imperador como líder supremo e símbolo de autoridade;

O legado de Vespasiano: Vespasiano foi um Imperador importante na história romana. Sua decisão de cunhar as moedas Judea Capta demonstrou não apenas sua conquista militar, mas também seu talento político e habilidade em utilizar a propaganda para fortalecer seu governo;

A difusão das moedas: As moedas Judea Capta foram amplamente distribuídas pelo Império Romano, alcançando diferentes regiões e províncias. Isso evidencia a importância histórica da vitória sobre a Judeia e a necessidade de propagar a mensagem de poder e controle romano;

O valor numismático: Além de seu valor histórico, as moedas Judea Capta são objeto de grande interesse para colecionadores e estudiosos em numismática. Algumas dessas moedas são consideradas raras e valiosas (seus valores podem alcançar uma margem de 80 a 8.500 euros), sendo sua autenticidade e conservação critérios importantes para determinar seu preço no mercado;

A influência na iconografia: A série Judea Capta teve um impacto duradouro na numismática romana. A representação de uma província subjugada como uma mulher sentada sob uma palmeira tornou-se motivo comum em moedas subsequentes, destacando a continuidade da dominação romana sobre outras regiões;

As moedas como fontes históricas: Além de seu valor estético e colecionável, as moedas Judea Capta são importantes fontes históricas. Elas fornecem informações sobre o conflito e a visão que Roma tinha da guerra contra a Judeia, oferecendo detalhes adicionais para a compreensão desse período conturbado;

A preservação das moedas: A conservação das moedas Judea Capta é um desafio, dada a sua antiguidade e o uso de materiais menos duráveis. Colecionadores e museus dedicam esforços significativos para proteger essas relíquias valiosas e garantir sua preservação para as gerações futuras;

Veremos então, a seguir, algumas moedas dessa série (as imagens são cedidas pela Editora Veritas, em parceria com a Classical Numismatic Group):





Em suma, as moedas *Judea Capta*, cunhadas por Vespasiano, são uma série numismática notável, que representa a conquista romana sobre a Judeia. Suas características distintas e seu significado histórico as tornam peças de grande importância, tanto para a compreensão do período quanto para o mundo da numismática. Essas moedas encapsulam a narrativa da dominação romana e permanecem como testemunhas duradouras de um conflito que moldou a história do mundo antigo. Para ler mais sobre essa série ou entender melhor o seu contexto, recomendo a leitura do meu livro “Numismática Bíblica: As moedas clássicas e suas relações teológicas, históricas e numismáticas”, lançado em 2023 pela Editora Veritas, à venda no site da numismaticacastro.com.br.

Entrevista Márcio Rovere Sandoval

Peter Johann Bürger - Florianópolis, SC

Márcio Rovere Sandoval, entrevistado nesta edição do Boletim Santa Catarina Filatélica, desde a infância nutria um interesse especial pelo papel-moeda. Filiou-se à AFSC em 1995. É um numismata avançado, habitual colaborador do Boletim Santa Catarina Filatélica, tendo publicado o expressivo número de 30 artigos, desde a edição 44, de março de 1998.

Desenvolve estudos aprofundados e escreve preferentemente sobre as cédulas brasileiras do padrão Mil-Réis. Tem artigos publicados no Canadá, EUA e Alemanha. É fluente e publica em vários idiomas. Em 2003, saiu de Florianópolis para residir em Genebra, na Suíça. Atualmente, Márcio reside em Montreal, no Canadá.



Passagem Joffroy, em Paris.

Por sua vasta contribuição ao Boletim Santa Catarina Filatélica, muito nos honrou que Márcio Rovere Sandoval nos concedesse esta entrevista. Reside atualmente no Canadá, o que não foi empecilho para colhermos suas opiniões sobre o fascinante colecionismo da Numismática. Aqui agradecemos a oportunidade desta entrevista.

Santa Catarina Filatélica - Qual é a sua história com o mundo da numismática?

Márcio Rovere Sandoval - Essa história teve início na minha infância. Meu pai guardava em um dicionário antigo, diversas cédulas, inclusive do padrão Mil-Réis. Mas o que me chamou mais a atenção foram as cédulas de 5 cruzeiros da 2ª Estampa (1950-1967), com a efígie do Barão do Rio Branco, três delas novas e com numeração sequencial.

O aspecto “engomado” do papel e o fato de terem sido fabricadas na Inglaterra me fascinaram. Nas margens brancas, tanto do anverso como do reverso, temos o nome do impressor “*Thomas de La Rue & Company Limited, London*”.

Nesse ínterim, indaguei a minha mãe do porquê de as cédulas serem impressas na Inglaterra. Então ela me disse que, antigamente (estávamos nos anos 70), as cédulas eram fabricadas na Inglaterra e nos Estados Unidos porque o Brasil não tinha as máquinas necessárias e que, com o Cruzeiro (a partir de 1970), as cédulas começaram a ser impressas no Brasil, pela Casa da Moeda.

SCF - Nessa sua caminhada você teve a influência de algum antigo numismata?

MRS - Sim, de Julius Meili para citar um pioneiro, mas também de outros como F. dos Santos Trigueiros, Kurt Prober, Albert Pick (o primeiro editor do *World Paper Money*) e mais,

modernamente, Violo Ídolo Lissa e Claudio Amato, em relação aos catálogos. No que concerne a Julius Meili, tenho uma história interessante. Até a reedição, pelo Senado, do livro de Meili, “*A moeda fiduciária no Brasil*”, em 2005, era muito difícil ter acesso à sua obra. Meu acesso então foi especial. Em 2003, parti do Brasil junto com minha esposa. Ela iria cursar uma pós-graduação em Genebra, na Suíça, país natal de Julius Meili. Estando lá, fui ao “*Landsmuseum Zürich*” que possui um exemplar do livro que havia sido doado ao museu, por Meili, juntamente com sua coleção. Essa coleção foi a leilão na Holanda, nos anos 20, eis que alheia às coleções do museu. As cédulas dessa coleção acabaram indo para a Coleção do Banco do Brasil.

Aquele era um livro de 1903, com aspecto de novo. Talvez, eu tenha sido o primeiro consultante (a par dos funcionários da biblioteca) a compulsar a obra...

SCF - Alguma razão especial para você utilizar o termo Sterling (libra esterlina) em seus contatos (e-mail e blog), uma vez que reside no Canadá?

MRS - O e-mail Sterling eu utilizo apenas no Ebay e esporadicamente, quando por alguma razão meus outros e-mails apresentam problemas.

A utilização do termo surgiu por causa do Ebay. Na época, eu necessitava de um e-mail mais internacional e neutro. O termo acabou sendo usado também no Blog, criado na mesma época. Ele vem da libra esterlina, moeda do Reino Unido e dependências. É a mais antiga moeda em utilização (c.800 d.C). A origem, provável, do termo vem do velho inglês, “*steorra*” que significa “estrela”, com o sufixo diminutivo “*ling*” que quer dizer pequeno, ou seja, “pequena estrela”, nome dado em relação ao *penny* de prata, utilizado na Inglaterra normanda (c.757-796 d.C), que portava uma pequena estrela.

SCF - Como descobriu seu gosto pela numismática. E como se aprofundou?

MRS - Quando comecei a frequentar a AFSC, em 1994-95, se eu não me engano, já possuía algumas peças, selos, moedas e cédulas. Faltava a resolução do que colecionar de uma maneira mais séria.

Frequentando a AFSC e em contato com os colecionadores (que se tornaram amigos), com a biblioteca com literatura especializada (livros, boletins de diversas origens) fui tomando gosto pelo assunto.

Com o passar do tempo e muita paciência, constituí meu próprio acervo de livros sobre numismática, além de outras fontes de informação relacionadas. Passei a escrever regularmente artigos para os boletins e não parei mais. A contextualização do material com o respectivo momento histórico, além dos aspectos técnicos, sempre foi prioridade nos artigos. Assim, quando falamos dos bancos privados na época do Encilhamento, tentamos descrever o que se passava na economia da época, o papel dos bancos, além dos aspectos das cédulas, os impressores, os motivos utilizados, etc.

SCF - Como relaciona a numismática como documentação histórica? Como a numismática contribuiu desde a história antiga até os dias de hoje?

MRS - Um bom exemplo é o artigo sobre a Vitória de Samotrácia, no caso, o “documento” que pretensamente lhe fazia menção era uma moeda de prata (Tetradracma) cunhada por *Demétrio Poliórctes*, rei da Macedônia. Inicialmente, a moeda foi tida como modelo da estátua. A representação da Vitória tinha como base a proa de um navio (que efetivamente foi encontrada) e se acreditava que ela portava uma trombeta na mão direita e, na esquerda, a parte superior do mastro de um navio, elementos esses não encontrados.

Num estudo mais aprofundado da história da Grécia antiga, chegou-se à conclusão de que o acontecimento celebrado na moeda não estava relacionado com a Vitória encontrada na Ilha de Samotrácia, eis que a ilha na época era dominada por um inimigo de *Demétrio* e, ainda, que a mão direita da estátua (encontrada posteriormente) estava em posição de saudação e não portando algo. Assim, a numismática pode trazer elementos para elucidar fatos históricos e vice-versa.

A numismática é considerada uma ciência auxiliar da história e sua contribuição ao esclarecimento do passado é notória apesar de que, na maioria das vezes, é desconhecida do grande público.

SCF - Quais suas fontes de informação e pesquisa? Em relação aos catálogos, quais destacaria?

MRS - Tenho muita literatura especializada sobre o assunto, livros, artigos e a internet. Encontro muita informação nos relatórios ministeriais, em almanaques, revistas antigas, nos boletins das associações, em leilões, etc. Saber pesquisar é importante. É possível encontrar de tudo, basta saber procurar.

Em relação aos catálogos, no âmbito internacional, destacaria as várias edições do *World Paper Money* e do *World Coins*. No Brasil, temos (além de Julius Meili), entre outros, o Catálogo de Violo Idolo Lissa (1987), o livro da Casa da Moeda de Cleber Batista Gonçalves (1989), “Cédulas Brasileiras” do Amato, desde a primeira edição (1997). Existem muitos outros trabalhos interessantes, mas, no geral, são esses os fundamentais que utilizo.

SCF - Quais são suas coleções?

MRS - Tenho uma coleção de cédulas do Brasil que vai de 1943, ou seja, as cédulas próprias do Cruzeiro, até 1994, com o Cruzeiro Real. Tenho uma boa quantidade do Mil-Réis, mas não posso chamar de coleção, são apenas exemplares.

Tenho uma coleção de cédulas dos principais impressores de papel-moeda, diríamos temática, incluindo a *American Bank Note* (Estados Unidos), a *Thomas de La Rue* (Inglaterra), a *Waterlow & Sons* (Inglaterra), a *Joh, Enschede en Zonen* (Holanda), o *Banque de France* (França), a *Giesecke & Devrient* (Alemanha) e da *Goznak* (Rússia), para citar os principais. No mesmo seguimento, temos as cédulas impressas pela Casa da Moeda do Brasil para outros países.

E ainda possuo outras coleções, às vezes de poucos exemplares, como a da Vitória de Samotrácia, que encontrei os *specimens* antes das cédulas, constituindo 6 exemplares e muita história. Outra pequena coleção é de Liechtenstein, três *notgeld* emitidos em 1920, que adquiri *in loco*, quer dizer, em Vaduz, quando estive lá. Essa é a coleção completa de cédulas de Liechtenstein, eis que antes de 1920 eles utilizavam a coroa austríaca e depois dessa data passaram a utilizar o franco suíço.

Tenho muitas outras pequenas coleções que servirão, no futuro, para realizar mais matérias.

SCF - Qual é a ligação entre valor monetário e valor afetivo na numismática?

MRS - Não sou comerciante, compro e vendo para fazer evoluir minha coleção e a dos outros também. Assim, dou mais atenção ao valor que pode ter a peça na numismática.

SCF - Questão que sempre surge, também em numismática, qual a relação, a seu ver, entre cotação e preço de moedas e cédulas?

MRS - A cotação é uma sugestão e uma referência para o colecionador, que depende de atualização constante. Nunca se deve comprar algo que não se conheça bem. Recebo muitos e-mails pedindo orientação depois que as pessoas já adquiriram material por um preço exorbitante. É triste. Com a internet e um pouco de paciência, é possível estabelecer o valor médio de qualquer mercadoria.

SCF - Você poderia comentar sobre como é estabelecido o preço das moedas e das cédulas?

MRS - Creio que da mesma maneira que qualquer outro produto. Eu procedo da seguinte maneira: faço a catalogação do material, estabeleço o grau de conservação, vejo se o material apresenta alguma particularidade, observo o mercado e verifico a lista de preços dos comerciantes, o resultado de leilões, etc.

SCF - Há um fato curioso que gostaria de relatar?

MRS - Sim, há muito tempo adquiri uma cédula em uma feira de antiguidades em São Paulo. Era uma cédula de 1000 Coroas do Império Austro-Húngaro. O valor e a unidade monetária vinham expressos em nada menos do que 10 línguas. Quando estive na Suíça fiz um curso de francês e tive a ideia de escrever sobre essa cédula, eis que havia no curso diversas pessoas do leste europeu, que me ajudaram a identificar todas aquelas línguas. Assim, o valor e a unidade monetária naquela cédula vinham expressos em tcheco (TISÍC-KORUN), polonês (TYSIAC-KORON), ucraniano

(ТИСЯЧ-КОРОН), italiano (MILLE-CORONE), esloveno (TISOĆ-KON), croata (HILJADA-KRUNA), sérvio (ХИЉАДА-КРУНА), romeno (UNA-MIE-COROANE), alemão (TAUSAND KRONEN) e húngaro (EZER KORONA). Acabei realizando um artigo que foi publicado no Boletim da AFSC nº 53, em março de 2006, p.4-10.

SCF - Você fez muitos amigos na numismática?

MRS - Sim, a numismática aproxima as pessoas. Tenho amigos e correspondentes no mundo inteiro.

SCF - Por que a arte do colecionismo mobiliza as pessoas?

MRS - Porque é uma forma de lazer, de cultura, de fazer amigos, de investimento, e de nostalgia.

SCF - Em sua opinião, o que a numismática tem de melhor?

MRS - No meu caso, é o conhecimento, mas há outro aspecto que é difícil definir, mas está relacionado à sensação de possuir algo especial, que poucos têm a oportunidade de ver.

SCF - Qual é a sua opinião sobre hobby versus investimentos, na numismática?

MRS - Se o colecionador quer ter retorno, no futuro, do que gastou com a coleção, é bom escolher bem o tipo de material que vai colecionar. Na minha opinião, as moedas são uma boa opção. Por exemplo, os 960 réis. Particularmente, não investiria em moedas comemorativas, salvo raras exceções.

SCF - Alguma razão especial pelo interesse dos colecionadores por optar entre moedas ou cédulas?

MRS - Não saberia dizer, mas as moedas ganharam o páreo já faz tempo. Ainda temos o fato de que boa parte daqueles que colecionam cédulas também colecionam moedas.

SCF - Você tem publicado excelentes artigos nos Boletins Informativos SCF da AFSC. Suas participações têm garantido um padrão de qualidade dos artigos ao longo dos anos. Publicou precisamente 30 artigos desde o número 44 de março 1998 até o número 79 de março de 2023. Quais aspectos gostaria de destacar? Cite outras suas publicações.

MRS - É muito gratificante saber que as pessoas apreciam os meus artigos. Já faz algum tempo resolvi escrever prioritariamente sobre as cédulas brasileiras do padrão Mil-Réis, eis que muito pouca coisa foi escrita sobre o assunto. Aproveitei o meu conhecimento em outras línguas para pesquisar e mesmo entrar em contato com instituições estrangeiras. Um exemplo é o artigo que escrevi sobre as cédulas da “série francesa”. Antes da minha pesquisa, consideravam como impressor “*Georges Duval e Emile Grosbie*”, que eram o desenhista e o gravador. Seria o mesmo que afirmar que o impressor da cédula de 1 Cruzeiro de 1970 foi Aloísio Magalhães, quem, na verdade, fez o projeto gráfico. O verdadeiro impressor é a Casa da Moeda. O impressor daquelas cédulas foi o Banco da França, os funcionários que trabalharam na concepção da cédula foram os dois designados na margem das cédulas, daí a confusão. As cédulas impressas pelo Banco da França são todas assim, designam os autores dos desenhos e das gravuras.

Realizei algumas pequenas matérias para o Boletim da Associação de Bourcherville (ela engloba os colecionadores da Grande Montreal), aqui no Canadá. Tive alguns artigos traduzidos para o inglês, nos Estados Unidos e na Alemanha. Muitos dos meus artigos também foram republicados no boletim da Sociedade Numismática Brasileira (SNB). Tenho a intenção de reunir todos os artigos sobre o padrão Mil-Réis e realizar uma publicação aí no Brasil.

SCF - Como adquire suas peças?

MRS - Principalmente nos encontros das associações aqui no Canadá e no Ebay.

SCF - O que acha das emissões de moedas comemorativas?

MRS - Particularmente não aprecio, gosto mais das moedas de circulação.

SCF - Que sugestões daria para nosso Banco Central fomentar a numismática nacional?

MRS - Talvez desenvolver mais a página destinada ao Museu de Valores. De qualquer forma é uma boa instituição.

SCF - Nesses anos, você participou de exposições na área de numismática?

MRS - Um pouco antes de partir do Brasil realizei uma pequena mostra de cédulas na *Semana da Francofonia* na Escola Apostrofe, em Florianópolis. Realizei um painel com diversas cédulas dos países onde a língua francesa é utilizada.

Na mesma época, aí no Brasil, foi cogitado fazer uma exposição no hall de uma agência bancária, mas como não havia painéis suficientes, o projeto foi abandonado.

Aqui, no Canadá, existe a possibilidade nos encontros, mas eu não havia ainda pensado no assunto.

SCF - Como atualmente é o interesse pela numismática e como são os Encontros de Colecionadores organizados no Canadá?

MRS - Aqui na região de Montreal, em considerando apenas as maiores associações, temos cerca de três grandes salões anuais. A associação da qual participo organiza salões mensais a par de dois grandes salões anuais.

A associação não possui sede própria e os salões são em hotéis ou escolas, já predeterminados. Publica boletins (revistas) quase mensais, dez números por ano. Tem muitos colaboradores. Eu cheguei a publicar alguns artigos.

A filatelia é forte, mas a numismática prevalece. A grande maioria coleciona moedas canadenses, como não poderia deixar de ser. O mesmo ocorre com as cédulas.

SCF - Quais conselhos você daria a um iniciante na numismática?

MRS - Conhecer bem aquilo que coleciona, organizar a coleção para que ela deixe de ser um ajuntamento.



**Velinhos
vendendo
coisas velhas!!**

*(antes de
morrerem!)*

www.lojinhadobigode.com.br

cds – vinis – vhs – dvds – livros – gibis – numismática - filatelia



Filatélica Penny Black
Portal do selo

Agora trabalhando juntas

Conheça nosso novo site de leilões
www.brasiliafilatelia.com.br

Incluimos o acervo do
Marcelo Studart

Grande estoque de selos brasileiros e estrangeiros / Toda linha de materiais filatélicos e numismáticos / Atendemos listas de Brasil, outros países e/ou temas / Compramos coleções de selos

Roberto Silveira

(61) 92000-8401  

E-mail portaldoselo@gmail.com

OFERTAS EM NOSSOS SITES

www.portaldoselo.com.br

www.filatelicabrasilia.com.br

a FILATELIA cuida de sua saúde!!!
prazer • relaxamento • entretenimento • conhecimento
geografia • finanças • história



**PRESEERVE A
SUA COLEÇÃO**



Instagram

Etiketa[®]

vendas@etiketa.net.br

(47) 999-739-925

**# ÁLBUNS # CAIXAS # ETIQUETAS #
#Material para Filatelistas #**



EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS - ECT
Superintendência Estadual de Santa Catarina

Apoio de Filatelia

Gabriel Alexandre Gandolfi da Silva - gabrielgd@correios.com.br

*Notícias, programação de Eventos Filatélicos,
Carimbos Comemorativos e Selos Personalizados*

Rua Romeu José Vieira, 90 - bloco B - 6º Andar
Bairro: Nossa Senhora do Rosário - São José/SC
CEP 88110-905 - Telefone: (48) 3954-4032

Selos Comemorativos e Especiais
Selos personalizados - Coleções Anuais

Em São José: Agência Floresta - Rua Romeu José Vieira, 90
CEP: 88110-975 - Telefone: (48) 3954-4195
scacatm@correios.com.br

Em Blumenau: Agência Victor Konder - Rua São Paulo, 1.277
CEP 89012-971 - Telefone (47) 3144-2372
scafbnu@correios.com.br

Em Joinville: Agência Joinville - Rua Princesa Isabel, 394
CEP 89201-970 - Telefone (47) 3419-6929
scacjve@correios.com.br



Associação Brasileira dos Comerciantes Filatélicos

24^o Encontro Internacional de Filatelia

01 e 02 de Setembro 2023
09 às 18 hs.
Novotel Jaraguá
São Paulo - SP

ENTRADA GRATUITA



Nas melhores coleções!



**FILATELIA CLÁSSICA
FILATELIA TEMÁTICA
TODOS OS TEMAS**

**ARTWORK
CARIMBOS
ELEMENTOS DIFERENTES
FRANQUIAS MECÂNICAS
HISTÓRIA POSTAL
INTEIROS POSTAIS
PEÇAS ESPECIAIS
PERFINS
PROVAS
RARIDADES
TELEGRAMAS
VARIEDADES**

SPECIMEN BANIS VALEUR



COMPRAMOS COLEÇÕES!

WWW.BOLZANCOLECOES.COM.BR